



Voluntariar

UMA PUBLICAÇÃO DO VOLUNTARIADO EINSTEIN HOSPITAL ISRAELITA | 2025 | ANO XX | N° 36

70
anos

E UMA MISSÃO:
TRANSFORMAR VIDAS



Expediente

Esta é uma publicação do Voluntariado Einstein Hospital Israelita.

Conselho Editorial

Taubá Gitla Abuhab, Telma Sobolh e Vilma P. M. Costa

Endereço

Av. Albert Einstein, 627/ 701 • CEP: 05651-901 • São Paulo - SP
Tel.: (11) 2151 3580

Site: <https://voluntarios.einstein.br>
E-mail: deptovoluntarios@einstein.br
WhatsApp: 11 97126 6510

Equipe Técnica

Produção de conteúdo: ITpress Comunicação • itpress.com.br

Projeto gráfico: Mexerica Design • mexericadesign.com.br

Editora e jornalista responsável: Tânia Gonçalves • MTb 19.797

Diretora de arte e diagramação: Alba Mancini

Impressão: Pigma Gráfica e Editora Ltda

Tiragem: 25.000 exemplares

Circulação: nacional

Fotografia: Fábio H. Mendes/E6 Imagens, Eduardo Barcellos,
Acervo do Centro Histórico do Einstein Hospital Israelita, imagens
cedidas por alguns entrevistados.

Uma história de milhares de histórias

Produzir esta edição da nossa revista, resgatando os 70 anos de história do Voluntariado Einstein, foi uma jornada emocionante e surpreendente até para mim, que participei dela há mais de 40 anos. É que, embora na nossa rotina observemos frequentemente pessoas cujas vidas ajudamos a transformar, não costumamos pensar em quantas foram ao longo dessas sete décadas. É um cálculo difícil de fazer por várias razões. Uma delas é que só temos dados estruturados dos últimos 40 anos, e o número já é superlativo: foram 10.422.022 atendimentos nesse período. Dos 30 anos iniciais, não é possível calcular. Mas, ainda que fosse, a somatória não traduziria o efetivo impacto de nossas atividades, porque diria respeito apenas aos beneficiados diretamente.

No entanto, por trás de cada um deles, há outros seres humanos positivamente impactados. A mulher que, com nosso apoio, conseguiu romper uma relação abusiva deixou de sofrer e também criou um novo ambiente para cuidar dos filhos. A remuneração do jovem que conseguiu emprego depois de fazer um de nossos cursos profissionalizantes melhora também as condições de vida de toda a família. Nossa visita ao paciente internado fez com que ele se sentisse acolhido e deixou mais tranquilo o familiar que não podia estar presente o tempo todo... O fato é que cada ação nossa gera efeitos que se multiplicam de maneira exponencial.

No rol de impactados indiretamente, posso incluir os próprios funcionários das unidades privadas e públicas do Einstein onde estamos presentes, pois ajudamos a aliviar sua carga de trabalho e a cuidar melhor de seus públicos. E temos ainda os reflexos sobre os próprios voluntários, que agregam valiosos aprendizados e experiências em suas interações com os beneficiados e sentem-se recompensados por saber que estão ajudando o próximo a enfrentar uma situação difícil ou a superar algum tipo de vulnerabilidade.

Portanto, a história do Voluntariado é feita de muitas outras histórias.

E foi com o objetivo de resgatá-la de uma maneira mais vívida que, em vez de contá-la da maneira tradicional, apenas com o frio registro de fatos, optamos por trazer também o relato de quem participou ativamente dessa história – de voluntárias e voluntários de diferentes épocas até lideranças de hospitais do Einstein e do Residencial Israelita Albert Einstein que falam do papel do Voluntariado nas unidades em que atuam, além de beneficiários que, quando crianças, foram atendidos na Pediatria Assistencial e hoje têm filhos participando das atividades do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis ou fizeram carreira como funcionários do Einstein. São testemunhos de capítulos que já escrevemos na história do Voluntariado, com dedicação, engajamento, criatividade para nos reinventar, ousadia para encarar os desafios e o permanente propósito que nos inspira a seguir em frente para fazer mais e melhor: transformar vidas. É assim que seguiremos escrevendo a nossa história e muitas milhares de outras histórias.

Telma Sobolh
Presidente do Voluntariado Einstein Hospital Israelita



5

70 anos de uma história feita de milhares de vidas transformadas

- A criação da Pediatria Assistencial [9]
- Diversificação das atividades [12]
- Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis [15]
- A revolução cor-de-rosa no Residencial Israelita Albert Einstein [24]
- A jornada do Voluntariado junto com o Einstein nos hospitais públicos [30]
- Pandemia: tempo de se reinventar [32]
- A chegada ao Centro-Oeste [34]
- O futuro já começou [36]



Apóio:



Homenagem a "Antonietta e Leon Feffer". Ativistas e líderes comunitários, eles sempre acreditaram na força da tradição e dos valores judaicos a serviço da sociedade brasileira.

Perfil do Voluntariado [40]

- Um batalhão em várias frentes

Impacto social: você investiria R\$ 1,00 em algo que devolve R\$ 4,80? [44]

A força ESG [46]

Parceiros [47]

- A soma que multiplica impactos

Ação-Transformação [50]

- Investimentos que fazem a diferença



PELA SAÚDE DA
crianças
Pediatric Assistencial



Sociedade Beneficente Israelita Brasileira

Hospital Albert Einstein





70 anos de uma história feita de milhares de vidas transformadas

A história do Voluntariado Einstein teve início em 1955, junto com a fundação da organização. Começou com um pequeno grupo de mulheres dedicadas à arrecadação de fundos para a construção do hospital. Tornou-se um grupo de mais de 670 voluntários engajados na missão de acolher, humanizar, promover a saúde, o bem-estar e a inclusão, desenhando um futuro melhor para a humanidade em situação de vulnerabilidade.

A Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Albert Einstein e o Voluntariado Einstein nasceram juntos. Foi em 1955, quando o Dr. Manoel Tabacow Hidal apresentou a médicos e empresários da comunidade judaica sua ideia de construir um hospital de excelência, que estaria entre os melhores da América Latina, acessível a todos. O sonho era ousado, e um pequeno grupo de mulheres, a maioria esposas dos médicos, foi ganhando papel cada vez mais relevante para ajudar a concretizá-lo.

Eram as pioneiras do Voluntariado Einstein. Uma de suas primeiras tarefas foi contribuir para que a organização fosse reconhecida como entidade beneficente. Para isso, promoveram campanhas de arrecadação de donativos e oferta de bolsas de estudo para pessoas de baixa renda, o que garantiu que a Sociedade fosse registrada no Serviço Social do Estado e na Prefeitura de São Paulo e depois, em 1960, o reconhecimento junto ao Conselho Nacional do Serviço Social. Em junho do mesmo ano, foi aprovada uma lei que atestava a Sociedade como de utilidade pública.

Em 1959, foi criado o Departamento Feminino, primeiro de uma série de nomes que o Voluntariado teve ao longo do tempo. Lideradas inicialmente por Joanna Wilheim, as voluntárias passaram a arrecadar fundos tanto para ajudar a viabilizar a construção do hospital como para financiar as obras de assistência social para garantir a manutenção do selo beneficente da Sociedade. Em 1963, Judith Schachnik assumiu o comando do Voluntariado, já escudada por Fani Aronis, que viria a sucedê-la em 1981, permanecendo no posto até 1995. Foi então a vez de Telma Sobolh assumir a Presidência, posição à qual segue se dedicando com determinação e paixão até os dias de hoje.

Em ação para arrecadar recursos

Ao longo desses primeiros anos, a gama de iniciativas para levantar recursos é tão extensa quanto interessante: chás e jantares benéficos, bazares, desfiles de moda, bingos, leilões de carros e de obras de arte e shows de artistas famosos, como Elis Regina e Roberto Carlos.



Fani M. Aronis

*Presidente do Voluntariado
Einstein de 1981 a 1995*

Um dos fatos marcantes da minha trajetória no Voluntariado foi minha amizade com a Judith Schachnik, que sucedeu a Joanna Wilheim a partir de 1963. Era dessas mulheres incríveis, determinadas, que sabem organizar tudo, inclusive festas maravilhosas. Era a alma do nosso grupo. Aprendi muito com ela – tudo, na verdade. Ela me ensinou como praticar o voluntariado, como conduzir nosso grupo, como cuidar das coisas práticas e, principalmente, como acolher as pessoas.

Eu entrei no Voluntariado a convite da minha amiga Rosinha Goldfarb. Estávamos juntas em um aniversário quando ela me disse: "Vai lá que você vai gostar". Ela acertou. Meu marido, Idel Aronis, já trabalhava no Einstein como diretor, os filhos tinham crescido, e eu me vi com tempo e querendo fazer algo útil. Fui, gostei e fiquei.

Guardo até hoje na memória os eventos que organizávamos – primeiro para arrecadar fundos para a construção do hospital e depois para as nossas atividades assistenciais. Eram leilões, bazares, jantares benéficos, shows. Teve até um, realizado em 1968 na Casa da Fazenda, no Morumbi, que contou com mesas de um antigo cassino do Guarujá! Chamamos esse evento de "Noite em Las Vegas", com direito a um show da Elis Regina. Foi uma loucura, mas uma loucura do bem, que arrecadou muito dinheiro para o hospital.

Também conseguimos trazer o Roberto Carlos para fazer dois shows benéficos. Foi uma conquista enorme. Meu marido era advogado da família da Cleonice Rossi Braga, que na época era esposa do cantor. Eu mesma falei com ela várias vezes, que foi de uma generosidade incrível. Lançamos a proposta, e o Roberto topou. O salão estava lotado, as pessoas vibrando. Tenho até hoje uma foto abraçada com ele e com a Cleonice. O dinheiro arrecadado foi todo revertido para ajudar na construção do hospital.

Um grande choque para mim foi o falecimento da Judith. Eu sabia que ela estava doente, com câncer, mas ninguém quer acreditar que vai perder alguém tão especial. Nossas famílias tinham se tornado amigas e nossos filhos cresceram juntos. Foi por ela que acabei assumindo a liderança do Voluntariado em 1981. Ninguém precisou me pedir. Eu sabia como ela fazia, como queria que fosse. Quando falei com o então presidente do Einstein, Dr. Jozef Fehér, ele me disse: "Você vai ficar. Eu te ajudo no que for preciso." E assim foi. Fiquei, fiquei... até ficar velha, como costumo brincar. Passei o cargo para a Telma Sobolh em 1995. No total, foram muito mais de 30 anos de trabalho no Voluntariado e de amor dedicados a essa causa.

Voluntárias em evento para angariar fundos. Judith Schachnik (1^a à esq.) e Joanna Wilheim (de vestido branco) foram presidentes do Voluntariado



Evento com o rabino Henry Sobel

Os leilões de arte promovidos pelo Voluntariado marcaram época. Foram quatro no total. Para que ocorressem, as voluntárias iam de ateliê em ateliê, convencendo talentos consagrados ou em ascensão a doarem suas obras. O primeiro, em 1961, foi realizado no Museu de Arte de São Paulo (Masp), o que conferiu mais prestígio ao evento. O sucesso foi tanto, que os leilões passaram a ser cobiçados pelos marchands brasileiros. No segundo, foram vendidas obras de artistas renomados, como Picasso, Tarsila do Amaral, Djanira, Segall, Felicia Leiner e Bruno Giorgi. No terceiro, o destaque foi a famosa pintura Carregadores de Café, de Cândido Portinari, doada por Helena Rubinstein.

Entre as campanhas, destacam-se pela originalidade as relacionadas à venda de termômetros e de "tijolos" simbólicos, que levaram as voluntárias a bater de porta em porta dos comerciantes do Bom Retiro, sinalizando que a generosidade dos participantes contribuiria para a edificação do mais novo hospital da cidade.

Tânia Tarandach

Voluntária de 1962
até 1972

Tive a chance e a felicidade de participar do Voluntariado Einstein antes mesmo da inauguração do hospital. Fiz parte da primeira leva de voluntárias que se mobilizaram para captar recursos para transformar uma instituição que só existia em sonho em uma realidade.

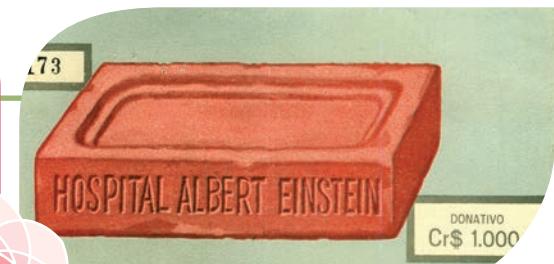
Atuei em várias frentes. Saía pelas ruas do Bom Retiro com a Sônia Muszkat. Éramos uma dupla inseparável naquela missão quase maluca: vender tijolos, termômetros... o que fosse necessário para levantar fundos. Iamos de loja em loja, de empresa em empresa, convencendo as pessoas a acreditarem num sonho que, para muitos, parecia impossível.

Na campanha dos termômetros, realizada em 1968, a ideia era vender esses dispositivos para que lojistas ou empresários usassem como brindes de fim de ano para seus clientes. Não adiantava vender um ou dois termômetros. A lógica era vender em quantidade. E lá fomos nós, a Sônia e eu, atrás de quem pudesse comprar em volume.

Lembrei de um amigo da época de escola, um árabe que agora tinha um banco. Fui atrás dele e, pela nossa amizade, ele topou. Comprou uma quantidade enorme de termômetros. Para ser sincera, só aquela venda já bastou. Não vendi mais nada depois disso. Acho que, para o banco, foi uma quantia pequena, quase simbólica. Para nós, aquilo foi uma vitória enorme.

E os tijolos... Não eram tijolos físicos. Eram cotas simbólicas de tijolos. Iamos ao Bom Retiro e entrávamos nas lojas tentando vendê-los. Muitas vezes éramos recebidas com incredulidade. Alguns diziam: "Vocês são loucas? Vender tijolo para construir um hospital no fim do mundo?" Sim, porque naquela época o Morumbi era um bairro muito distante. Às vezes éramos até maltratadas, mas seguíamos em frente. Até de campanhas de marketing na televisão cheguei a participar, como no programa Almoço Com as Estrelas, na TV Tupi, comandado pelo casal Airton e Lotila Rodrigues. Fui três vezes.

Campanha
dos tijolos
para arrecadar
fundos



A inspiração vinha do Dr. Manoel Tabacow Hidal. Foi ele quem trouxe a ideia do hospital, baseado num modelo americano de excelência.

Toda semana, nas reuniões que fazíamos, ele repetia: "A comunidade judaica vai construir o melhor hospital da América do Sul." Aquilo nos movia, era a nossa "chama". Sabíamos que não seria fácil, mas tínhamos convicção. Não era só levantar um prédio. Era construir um símbolo, um marco, algo do qual todos nós pudéssemos nos orgulhar.

E foi assim que aconteceu. Tijolo por tijolo, termômetro por termômetro, com cada centavo arrecadado nessas e em outras iniciativas, como leilões de arte, bazares e doações, ajudamos a transformar aquele sonho em realidade.

CATALOGO CATÁLOGO

**2.º LEILÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
EM BENEFÍCIO DO HOSPITAL ALBERT EINSTEIN**

**LOCAL: MUSEU DE ARTE DE S. PAULO
RUA 7 DE ABRIL, 730 - 2º ANDAR
4 - 5 E 6 DE DEZEMBRO 1963 - 20,30 h**

obras leiloadas

1 - Aldemir Martins - desenho	38 - Enrico Blasco - desenho
2 - Anatol Wladislav - desenho	39 - Felícia Leitner - desenho
3 - Anatol Wladislav - óleo	40 - Fernando Lemos - desenho
4 - Antônia Pacheco e Chaves - desenho	41 - Flávio Shiro - óleo
5 - Anita Malfatti - aquarela	42 - Flávio Shiro - óleo - doação Felícia Leitner
6 - Antônio Bandeira - litogravura - doação galeria Bonino (Ribeirão Preto)	43 - Friedlander - desenho
7 - Antonio Carlos Rodrigues - desenho	44 - Fukushima - gravura
8 - Antonio Dias - óleo	45 - Gamarra - óleo
9 - Antonio Gomide - Aquarela	46 - Gerardo Decourt - óleo
10 - Antônio Henrique do Amaral - desenho	47 - Gerda Brentani - desenho
11 - Arcangelo Ianelli - óleo	48 - Gláucia Elechoum - desenho
12 - Arnaldo Ferrari - desenho	49 - Gláucia Leitner - desenho
13 - Arnaldo Pedrosa D'horta - gravura	50 - Godói - gravura - doação galeria Selarwe
14 - Augusto Rodrigues - desenho	51 - Guilherme de Faria - desenho
15 - Aurora Karman - óleo	52 - Hansen - livro sobre a Bahia - doação
16 - Babette - óleo	53 - Heitor Maria Beltrão de Barros - desenho
17 - Barrientos - óleo	54 - Hugo Rodrigues - escultura
18 - Benjamin Silva - óleo	55 - Ismael Karsikacy - guache
19 - Berco Uder - desenho	56 - Ivan Serpa - óleo
20 - Bruno Giorgi - escultura	57 - Itar - desenho
21 - Calabrone - óleo	58 - Jacobo - óleo
22 - Cabral - escultura	59 - Jaime Cruz - gravura
23 - Charlotte Adlerowa - óleo	60 - Jandira Waters - óleo
24 - Chaves - óleo	61 - Marco Alves - óleo - doação Jayme Supulkin
25 - Célia Cotrim - escultura	62 - José Inácio - óleo
26 - Clovis Gracião - desenho	63 - José Maria de Souza - desenho
27 - Darel Valença - gravura	64 - Julio Pascini - óleo sobre madeira
28 - Darcy Penteado - desenho	65 - Keiko Minami - gravura
29 - Décio Ferreira -	66 - Klionshita - esmalte em madeira
30 - Della Monica - gravura	67 - Kosminsky - óleo
31 - Djaniara - pastel	68 - Lancellotti - óleo
32 - Di Prete - óleo	69 - Lazar Segall - desenho
33 - Dora Basílio - gravura	70 - Lazar Segall - doação Isaac Pistrak
34 - Dorothy Bastos - gravura	71 - Mazzarini - óleo
35 - Emiliano di Cavalcanti - desenho - doação ga-	72 - Leoneto Berti - óleo
leria S. Luiz	73 - Lida - escultura
36 - Emiliano di Cavalcanti - desenho - doação ga-	74 - Livio Abram - gravura
leria S. Luiz	75 - Manabu Mabe - óleo
37 - Emiliano di Cavalcanti - album	76 - Mansinho de Araújo - óleo

Myriam Chansky

Integrante do Voluntariado Einstein por mais de duas décadas

Meu marido, Moris Chansky, foi um dos signatários da ata de fundação, naquela reunião dos médicos que sonhavam construir um hospital inspirado no modelo das melhores e mais modernas instituições médicas dos Estados Unidos. Tudo começou com uma conversa entre ele e o Dr. Manuel Tabacow Hidal, que era primo do meu marido. Eles se encontraram na Escola Paulista de Medicina, onde eram professores, e ali nasceu a ideia de criar o hospital.

O Voluntariado surgiu um pouco depois, assumindo desde o início um papel crucial. Nós, as voluntárias, éramos verdadeiras fundraisers. Organizávamos festas, bazares, leilões de obras de arte, tudo com o objetivo de arrecadar fundos para construir o hospital. Minha participação começou no meio dos anos 1960, quando voltei dos Estados Unidos, onde tinha morado um tempo. Lembro bem da Judith Schachnik, que era presidente do grupo, e da minha prima, Fani Aronis. Éramos umas vinte, depois trinta... Na época, eu achava um grupo enorme.

No início, nosso trabalho era muito focado em arrecadação de fundos. Eu mesma ia à Rua 25 de Março comprar enfeites, brinquedos, embalagens e outros itens para abastecer a lojinha que mantínhamos no hospital. Quem ia visitar um recém-nascido na maternidade sempre passava para comprar um ursinho, uma boneca, uma lembrança.

Tínhamos também o trabalho na Pediatria Assistencial, no Morumbi. Atendíamos as crianças, conversávamos com as mães, dávamos apoio, orientação e carinho. Lembro até hoje de uma cena que me tocava: a voluntária Almerinda (Rabinovich) colocava as crianças num carrinho parecido com os de supermercado e saía passeando com elas pelo jardim. Com isso, proporcionava aqueles momentos de alegria e de leveza para os meninos e meninas que estavam ali, muitas vezes passando por situações difíceis.



Um momento especial eram as festas de final de ano, quando distribuímos brinquedos para as crianças da comunidade. Era emocionante vê-las chegando, com os olhos brilhando, esperando pelo presente. No começo, era um carrinho, uma boneca, com o tempo os presentes foram ficando mais generosos, incluindo alimentos e outros itens.

Participei também da criação da unidade de atendimento pediátrico em Paraisópolis. Era um lugar de ocupação desordenada, mas fizemos questão de comprar uma casa em terreno regularizado.

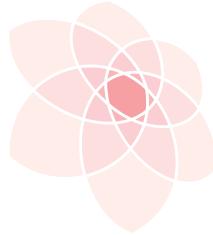
Fiquei no Voluntariado até meados dos anos 1990. Com o tempo, as atividades foram crescendo, as demandas mudaram e senti que meu papel como fundraiser começava a se esgotar. Achei que era hora de me dedicar a outro projeto: o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, onde trabalho há mais de 30 anos com projetos de preservação da memória.



Voluntária Almerinda Rabinovich com crianças da Pediatria Assistencial



Distribuição de presentes de Natal



A criação da Pediatria Assistencial

O cor-de-rosa entra em cena

A ideia de ter um uniforme para as voluntárias surgiu na metade dos anos 1960. Segundo Fani Aronis, que já atuava no Voluntariado e depois assumiria sua Presidência, tudo começou quando a então presidente Judith Schachnik viajou aos Estados Unidos e viu como as voluntárias dos hospitais americanos usavam aventais muito bonitos. Aquilo lhe pareceu sinal de uma boa organização, e ela acabou trazendo a ideia para cá.

"Nessa época, também fazia parte do voluntariado Mina Vaidergorn. Ela frequentava o ateliê do Denner, o estilista mais famoso do Brasil naquele período, e resolveu fazer seu uniforme com ele. Denner desenhou um belo conjunto de três peças: saia, blusa e túnica. Ficou lindo. Decidimos copiar o modelo e pedimos para outras costureiras fazerem igual. O tecido era quase sempre o mesmo, de um rosa muito bonito, doado pela Tecelagem Elisabeth", recorda Fani.

Apesar da beleza, o modelo concebido por Denner era pouco prático e funcional. Assim, o jaleco acabou predominando. Mas o cor-de-rosa vingou, sendo usado até hoje, tornando-se um símbolo do Voluntariado Einstein.

Desde o começo da década de 60, as voluntárias já tinham um olhar atento para as necessidades da comunidade do entorno. Atuavam em campanhas de vacinação, realizadas de porta em porta nos bairros pobres da vizinhança e, nos finais de ano, distribuíam presentes para as crianças.

Em 1969, dois anos antes da inauguração do Hospital, veio um novo passo marcante: a criação da Pediatria Assistencial, dedicada ao atendimento médico de crianças moradoras da vizinhança em situação de vulnerabilidade social e tendo à frente o Dr. Guido Faiwichow, primeiro colaborador do Einstein. Ele chamava as voluntárias de "anjos de cor-de-rosa". Além de bancarem financeiramente a manutenção dos serviços, elas estavam à frente de uma série de atividades: montaram uma farmácia, suprida com amostras de medicamentos que conseguiam obter nos consultórios dos pediatras; promoviam a entrega de leite em pó e enxovals para recém-nascidos; auxiliavam na pesagem e medição das crianças e muitas vezes tinham até de dar banho nelas antes da consulta diante das precárias condições de higiene em que algumas chegavam ao hospital. Também atuavam junto às mães, dando orientações e "traduzindo" em linguagem simples as orientações médicas.

Com seus serviços gratuitos e de alta qualidade, a Pediatria Assistencial passou a ser procurada também por moradores de outras regiões da cidade e até de outros Estados. Paralelamente, as voluntárias também promoviam visitas domiciliares em bairros vizinhos ao Hospital, como Monte Kemel, Real Parque, Vila Morse e Paraisópolis. Nesses locais, atuavam como agentes de saúde pública, ensinando técnicas para que as mães cuidassem melhor dos filhos e oferecendo orientações sobre a higiene da casa e a prevenção de doenças. Também iniciaram oficinas de trabalhos manuais, como tricô e crochê, e ensinaram a montar hortas caseiras. Um dos marcos dessa época foi a bem-sucedida campanha de vacinação contra a poliomielite.





Nanete Locoselli Perin

Voluntária há 50 anos

Em 1975, quando comecei a atuar como voluntária na Pediatria Assistencial, o atendimento era tão diferenciado que atraía não apenas famílias da vizinhança, mas também de outros bairros e até de outras partes do país.

Eu costumava ir três vezes por semana, mas, como morava perto do hospital, também cobria a ausência de colegas, quando necessário, feliz em poder ajudar. Fui a primeira voluntária de fora da comunidade judaica e fui muito bem-recebida. Tínhamos um ambiente rico, com muita troca de experiências e amizade.

Entre as nossas atribuições estava acompanhar a consulta para podermos explicar posteriormente para as mães as informações do médico. Também era nossa tarefa pesar, medir a altura e a circunferência do crânio, adiantando esses dados para o médico. Algumas vezes era preciso dar banho nas crianças antes da consulta, pois as condições sanitárias e de higiene onde viviam eram precárias, tanto que a doença mais comum dos pacientes era verminose.

Em 1998, com a criação do Posto Médico Avançado de Paraisópolis, os atendimentos ambulatoriais passaram a ser feitos ali, mas os casos mais complexos eram encaminhados para o hospital, com aumento do número de especialidades atendidas. Os exames continuaram a ser feitos no Einstein e passamos a contar com uma enfermaria para a internação e, mais tarde, com uma UTI.

Um dos episódios marcantes foi o primeiro transplante de medula óssea da Pediatria Assistencial. Era uma garota de quatro ou cinco anos, e a mãe foi a doadora. Fiquei tomando conta da irmã mais nova, que estava sozinha e sentia falta da mãe.

Foram vários casos impactantes, como o de bebês trigêmeos que permaneceram internados durante um ano por desnutrição. Quando tiveram alta, pensei se teriam alimentação, já que eram 10 crianças na família, que vivia em condições de extrema vulnerabilidade socioeconômica. Nos reunimos e decidimos doar alimentos. Eu fazia a compra e toda semana ia na comunidade para ensinar a mãe a cozinhar com melhor qualidade nutricional e melhor aproveitamento dos alimentos.

Sou voluntária até hoje na Maternidade e na UTI Neonatal. Tive um grande aprendizado ao longo desses anos, e a Pediatria Assistencial me marcou muito. Não sei se foi influência das minhas experiências, mas três dos meus quatro filhos tornaram-se médicos, mesmo não tendo nenhum outro na família.

Farmácia da Pediatria Assistencial



Rosinha Goldfarb

Voluntária por cerca de 40 anos

Lembro-me ainda bem do dia da inauguração do Hospital, um feito que leva a marca do Voluntariado Einstein. Chovia demais. Meu marido, Bernardo Goldfarb, que já é falecido, saiu às pressas com outro diretor do hospital para buscar um caminhão de pedregulhos e permitir que as pessoas pudessem chegar até o local sem atolarem no barro. Foi uma data especial: não era só o prédio que estávamos a inaugurar, era o início de um novo tempo na saúde. E eu estava ali no jardim, cheia de emoção.

Durante os anos que segui no Voluntariado, testemunhei e ajudei a acontecer inúmeras realizações. Uma das que mais me marcaram foram os eventos de fim de ano dedicados à comunidade. Lembro-me especialmente da organização das filas no Natal para a entrega de presentes às crianças da Pediatria Assistencial. As filas davam voltas em dois, três quarteirões. Era um trabalho gigante. Nós sabíamos o nome e idade de cada criança, e escolhíamos os presentes a dedo – bola, boneca, o que fosse, tudo feito com carinho. Ver os olhos delas brilharem... aquilo não tinha preço.

Também foi marcante a visita ao hospital, em 1970, do Dr. Albert Sabin, criador da versão oral da vacina da poliomielite. Fui uma das voluntárias que ajudaram na vacinação nas comunidades próximas. Iámos até elas nas ambulâncias cedidas pelo Einstein com os grandes balde de gelo e as vacinas para serem ministradas na forma de gotinhas para as crianças.

Além disso, fiz parte dos grandes leilões de obras de arte nos anos 1960 e dos enormes bazares que realizamos no Conjunto Nacional, chamados Mercado de Utilidades, onde tinha de tudo: geladeiras, rádios, relógios, roupas, televisores... Para as obras de artes, iámos bater na porta de artistas e amigos; para as edições do Mercado de Utilidades, pedíamos doações a organizações do setor de comércio e indústrias. Tudo em nome daquele ideal maior: fazer o Einstein acontecer. E aconteceu. Hoje é uma referência, e eu sinto um orgulho imenso de ter sido um pequeno tijolo nessa construção.

Com 97 anos, já não participo mais do Voluntariado. Mas a lembrança desses dias vive em mim com muita força. Sinto que deixei minha marca, assim como todas as mulheres e todos os homens incríveis com quem tive o privilégio de partilhar esse caminho.



Distribuição de presentes de Natal, um momento esperado pela comunidade



Dr. Albert Sabin: campanha de vacinação contra a poliomielite



Fila à espera dos presentes de Natal

Diversificação das atividades

O hospital foi oficialmente inaugurado em 1971. Ao orgulho de saberem-se parte daquela conquista, os voluntários iam somando novas iniciativas que combinavam oferta de serviços para facilitar a vida dos frequentadores do Einstein e a geração de recursos para levarem adiante suas atividades. Até a primeira refeição do primeiro paciente do Einstein veio da casa de uma voluntária.

Vale lembrar que, naquela época, o Morumbi, onde o hospital fora construído, era um bairro distante, sem serviços próximos disponíveis. Restaurantes e estabelecimentos comerciais ficavam na área mais desenvolvida da cidade, do outro lado do Rio Pinheiros.

Os voluntários estavam atentos a esse contexto. Criaram serviços de cabeleireiro, barbeiro e manicure destinados a visitantes, acompanhantes e pacientes interessados. Também montaram uma loja, a Lojeca, onde se encontrava de tudo – de escova de dentes e sabonete a um presente para o recém-nascido. Na Maternidade, foi implantado em 1971 um serviço de fotos das mamães com seus bebês. Junto com a foto, elas recebiam um certificado do recém-nascido com as marcas do pezinho, uma carta explicando o trabalho do Voluntariado na Pediatria Assistencial e um pedido de doação.

Também em 1971, os voluntários inauguraram uma lanchonete para visitantes e acompanhantes – uma iniciativa providencial naqueles tempos em que as refeições eram servidas exclusivamente para pacientes. Quatro anos depois, foi a vez de instalarem uma lanchonete exclusiva para os médicos na recém-inaugurada área do Conforto Médico do Einstein.

Atendimento
na Pediatria
Assistencial



Lojeca: variedade
de itens



Usuários da lanchonete
criada nos anos 1970



Helena com Judith Schachnik,
então presidente do Voluntariado



Quadros para o
leilão de artes



Helena Slinger Chachmovits

Voluntária desde os anos 1960



Uma das contribuições mais marcantes de que participei foi a montagem de uma loja dentro do hospital. A ideia surgiu porque naquela época, começo dos anos 1970, não havia comércio nos arredores do Einstein. As pessoas que vinham acompanhar os pacientes – muitas vezes de longe, às pressas – esqueciam coisas básicas: um chinelo, um pijama, um creme dental... Era uma necessidade real.

Então, criamos uma loja bem variada, a chamada Lojeca. Não era pequena. Era grande, especial. O hospital acreditou na ideia e me apoiou desde o início. Junto com a supervisora Isabel Clarice Góes de Lima Botelho de Souza, que é minha amiga até hoje, ia à Rua 25 de Março, onde comprávamos tudo. Escolhíamos as mercadorias, marcávamos preços, organizávamos tudo.

A loja vivia cheia. "Tem sabonete?", "Tem grampo de cabelo?", "Me vê um chinelo". Era como qualquer loja de comércio, só que dentro de um hospital. Ajudava muita gente. Tudo pensado para os acompanhantes, que muitas vezes estavam exaustos, fragilizados, e só precisavam de um mínimo de conforto para enfrentar aquela realidade.

Sempre fui muito criativa e essa ideia nasceu simplesmente da observação. Não fui a nenhum outro hospital ver modelo nenhum. Vi a necessidade e agi. Essa sempre foi a tônica do Voluntariado. A partir desse espírito inquieto e empreendedor, vieram outras iniciativas marcantes. Em 1975, por exemplo, pensando na necessidade de alimentação dos médicos, instalamos uma lanchonete na área do Conforto Médico, com café, lanches e comida caseira.

Muito antes disso, tivemos os leilões de arte que marcaram época no cenário cultural de São Paulo. Nós, voluntárias, procurávamos saber quem tinha contato com artistas, mobilizávamos nossa rede e conseguíamos obras de artistas muito reconhecidos, como Portinari, Tarsila do Amaral, Djanira, Lasar Segall, entre outros. Tivemos participações maravilhosas. Até hoje tenho nas paredes do meu apartamento quadros fabulosos arrematados nesses leilões.

O primeiro leilão foi em 1961, no antigo prédio do Masp, na Rua 7 de Abril. Depois passamos a fazer no próprio hospital. O leiloeiro era conhecido, e o público lotava o espaço. Foram quatro leilões no total – todos momentos muito marcantes para quem viveu aquilo.

Olhar para trás e ver tudo o que construímos me emociona. O Einstein virou referência não só na medicina, mas também no trabalho voluntário. Saber que ajudei a plantar essa semente com minhas mãos, minha criatividade e meu tempo é algo que carrego com imenso orgulho.

A cada movimento, o Voluntariado ia imprimindo humanização, acolhimento e hospitalidade, atributos que se tornaram marcas do Einstein. Ano após ano, cresciam sua presença e a importância do seu trabalho. Em 1977, o time cor-de-rosa criou um programa de auxílio e orientação às mulheres mastectomizadas. Em 1979, passou a atuar no Centro de Terapia Intensiva, levando humanização e conforto a um setor historicamente marcado por tensões e angústias. Em 1980, as voluntárias se engajaram nas campanhas de doação de sangue promovidas pelo Einstein, tornando-se figuras indispensáveis – como ainda o são – no Banco de Sangue do hospital. Nesse mesmo ano, organizaram um serviço de visitação a pacientes internados e também um serviço de assistência religiosa.

Em 1981, Fani Aronis assumiu como presidente do Voluntariado, comprometida em levar adiante o legado das suas antecessoras e acompanhar o ritmo de crescimento do Einstein. Então dividido por setores, forma de organização que mantém até hoje, o batalhão cor-de-rosa passou a trabalhar em novas áreas, como a de diagnósticos (Central de Exames), pronto-socorro, day clinic e na sala de convivência da Oncologia.

Em 1995, depois de 14 anos no posto, Fani se despediu da Presidência, sendo sucedida por Telma Sobolh, que promoveu uma revolução modernizadora no Voluntariado. Reorganizou a estrutura da entidade, introduziu normas e procedimentos formalizados, atualizou o modelo de treinamento da equipe e criou novas formas de captação de recursos, possibilitando sonhos de intervenção social ainda mais ousados. De uma entidade benficiante relevante, mas restrita ao Hospital, o Voluntariado Einstein foi sendo transformado em uma poderosa peça de engenharia social. O primeiro passo para tanto foi levar os voluntários para além dos muros do Einstein.

"Voltamos a angariar fundos com shows, venda de sucata, bazares etc. para podermos comprar terrenos em Paraisópolis. Nos primeiros três anos, compramos seis terrenos (juntos, unidos, integrados), perfazendo 4.500 m². Posteriormente foi adquirido mais um de 1.000 m². Hoje temos uma área construída de 7.500 m²", afirma Telma.

Auditório lotado no show benéfico de Roberto Carlos



A atriz Etty Fraser e o ator Dionísio Azevedo na campanha de doação de sangue



Jantar benéfico com desfile das joias H.Stern



Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis

Foi em Paraisópolis, uma comunidade socialmente complexa e de onde vinha a maior parte das crianças atendidas pela Pediatria Assistencial, que o Voluntariado implantou em 1998 uma de suas iniciativas mais ousadas e que se tornaria um modelo de referência para o terceiro setor brasileiro: o Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP).

Tudo começou a partir de uma incômoda constatação, a partir do olhar atento de Telma Sobolh, que assumira a Presidência do Voluntariado em 1995: apesar do excelente atendimento oferecido pela Pediatria Assistencial, mais de 40% dos pacientes eram reincidentes. Tinham alta e voltavam alguns meses depois pelas mesmas doenças de causas evitáveis, como as infectocontagiosas, respiratórias e parasitárias, associadas às condições do ambiente em que viviam.

Telma procurou o então vice-presidente de Economia da Saúde e Filantropia do Einstein, Dr. José Goldenberg, para compartilhar sua preocupação com esse contexto e pensarem em caminhos para lidar com o desafio. "O fato é que não bastava trabalharmos apenas com as crianças; precisávamos trabalhar com a comunidade inteira, investir em prevenção, educação, desenvolvimento das pessoas. Do contrário, continuariam a enxugar gelo", afirma ela.

Em vez de conceber um projeto para a comunidade, o objetivo era construir um projeto com ela. Antes de tudo, era preciso um raio-X de Paraisópolis. Assim, em 1997 o Instituto Diadema de Estudos Municipais (IDEM) foi contratado para mapear e investigar quais eram as condições de vida de seus mais de 23 mil moradores na época.

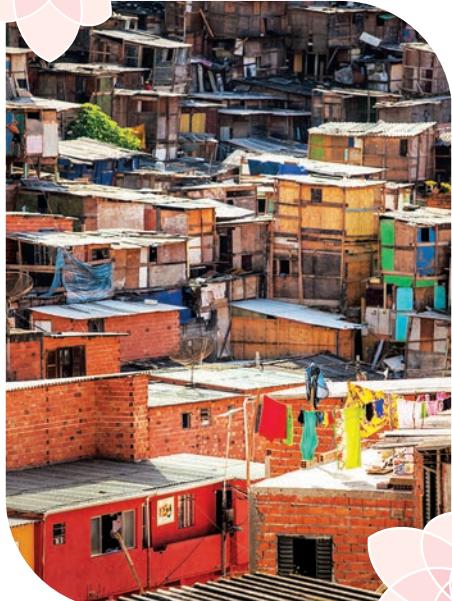
O trabalho revelou diferentes graus de desigualdades, periferias dentro da periferia que levaram à classificação de cinco áreas, das mais "nobres" às mais desfavorecidas: Centro, Córrego Antônico, Brejo, Grotão e Grotinho. Mais tarde, essa divisão geográfica foi assumida pelo poder municipal em um projeto de urbanização de Paraisópolis.

Grotinho foi o foco inicial das ações antes mesmo do lançamento oficial do PECP, com visitas de equipes multiprofissionais às casas para a promoção de saúde. Em 1999, uma pesquisa realizada em parceria com a Diagonal Urbana, uma das empresas pioneiras no Brasil em gestão social, permitiu aprofundar o conhecimento do perfil da população dessa área, trabalho depois estendido para o Grotão. Cerca de 25% das famílias viviam abaixo da linha de pobreza e 30% com apenas meio salário mínimo por mês. Pouco mais da metade das casas contava com água da Sabesp e coleta de lixo regular e apenas 15,5% estavam conectadas ao sistema de coleta de esgoto.

Nesse ambiente foi fincado o pilar que orienta os trabalhos do PECP até os dias de hoje, fazendo valer, por meio de ações práticas mensuráveis, o conceito de saúde integral definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS): "saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade".

A primeira casa foi adquirida em janeiro de 1998 para abrigar as ações iniciais do programa. No entanto, temores e estigmas fizeram com que apenas quatro voluntárias aceitassem ir para Paraisópolis. Mas teve também situações curiosas, como a de Lídio Moreira, funcionário do Einstein que foi trabalhar naqueles primórdios do PECP e só adulto descobriu que, quando criança, tinha sido beneficiário da Pediatria Assistencial.

Visitas aos moradores com foco na promoção da saúde



Rebeca Lisbona, Voluntária desde 1998

Sou da segunda geração de voluntárias do Einstein na minha família. Quando eu era criança, minha mãe atuava na arrecadação de fundos para construção do hospital. Em 1998, motivada pela participação de minha cunhada Sara Bigio na Pediatria Assistencial, decidi dedicar parte do meu tempo ao Voluntariado. Na época o atendimento das crianças era na unidade do Morumbi. Meses depois, veio o projeto de Paraisópolis e encarei o desafio. Apenas quatro voluntárias aceitaram ir trabalhar na comunidade: eu, Denise Abuhab, Sara Biggio e Tania Rangel.

A primeira ação do programa foi a implantação do Posto Médico Avançado de Paraisópolis, atendendo crianças da comunidade desde o nascimento até os 10 anos. No começo, fazíamos de tudo: desde preparar o café até localizar o prontuário, medir a febre, a altura e o peso das crianças para que os médicos tivessem as informações antes da consulta.

Também explicávamos às mães como dar os medicamentos, pois muitas se confundiam com horários. Era comum, por exemplo, se indicado de 8 em 8 horas, elas acharem que deviam dar o remédio às 8h da manhã e às 8h da noite.

Eram pessoas simples, sem conhecimentos sobre cuidados de saúde. Lembro de um caso em que foi orientado dar o medicamento na hora do banho. No retorno, a criança permanecia com o problema. Conversando com a mãe, descobrimos que ela colocava as gotinhas indicadas na banheira do bebê. Era preciso muita conversa, orientação e proximidade com as mães para criar um vínculo de confiança.

Eu trabalhava no Posto duas vezes por semana e algumas vezes aos sábados. Vimos o trabalho crescer, novas unidades serem inauguradas. Depois de algum tempo, mudamos para um novo e maior ambulatório, onde, além do pediatra clínico geral, havia médicos de outras especialidades, como oftalmologia e gastroenterologia pediátrica. Além da assistência médica, tínhamos ações de educação que ensinavam às mães conceitos de alimentação, higiene e cuidados em geral.

Fomos estabelecendo um vínculo com as famílias, e o atendimento chegou a passar de uma geração para outra. Fico emocionada por saber que existem algumas Rebequinhas por lá, mães que batizaram suas filhas com meu nome como uma prova do vínculo especial que tínhamos criado.



Rebeca
dando aula
de reforço
escolar

Há três anos passei a trabalhar no Apoio Pedagógico, dando aulas de reforço para crianças com dificuldades na escola. E minha maior recompensa é ver a cara de felicidade da criança quando entende o que tinha dificuldade ou descobre algo que não sabia. Além disso, ainda participo da entrega das cestas de Natal e de outras atividades que surgem.

Ao longo desses anos, o nosso programa cresceu imensamente. O que era uma casa virou um complexo enorme, com múltiplas frentes de atividades. Se no começo éramos apenas quatro, hoje somos cerca de 150 voluntários atuando em Paraisópolis. É assim que vamos impactando mais e mais pessoas, transformando milhares de vidas na comunidade.

Tania Rangel
atuando no
ambulatório
de pediatria



Denise Abuhab, Voluntária de 1996 a 2018

Ingressei no Voluntariado Einstein em 1996. Sou pedagoga de formação e já tinha uma trajetória no serviço público, trabalhando com educação de base, no Moberal, e depois com projetos sociais em comunidades.

Era um trabalho que eu amava, mas chegou uma hora em que eu me senti cansada do ritmo e decidi: agora quero fazer algo voluntário, com o mesmo propósito, mas de um jeito diferente.

Naquela época, o time de voluntárias era pequeno – cabia todo mundo em volta de uma mesa grande. Comecei na Pediatria Assistencial, mas logo veio a proposta de levar a assistência para dentro da comunidade. O primeiro passo foi a compra de uma casa que havia pertencido a uma senhora. No entanto, a maioria das voluntárias teve receio de ir para Paraisópolis. Era um território novo, cercado de estigmas e inseguranças. Eu já tinha experiência em comunidades e acreditava que, quando você faz um trabalho do bem, com honestidade, as pessoas percebem e te protegem. Foi isso que senti ali. Ia de carro, colocava um adesivo do Voluntariado no vidro e nunca tive problema. Quem estava de rosa – o uniforme dos voluntários – era respeitado. A comunidade nos acolheu de verdade.

No começo, éramos só eu e mais uma voluntária, a Tânia. Ela ia de manhã e eu à tarde. Ficava até o último paciente ser atendido.

O nosso trabalho era bem diferente. Nada de computador, tudo era manual. A gente organizava os prontuários, entregava para os médicos, fazia a recepção das pessoas, orientava, ajudava a preencher fichas. E quando saíam da consulta, às vezes acompanhávamos até o momento de retirar o remédio. Muitos não sabiam como tomar corretamente. Eu fazia questão de explicar com cuidado: anotava os horários nas caixinhas, mostrava como diluir, às vezes até dava a primeira dose para a criança. Era uma forma de garantir que o tratamento fosse feito corretamente. Tudo isso em uma linguagem simples, direta.

Atendimento na Pediatria Assistencial



O que me marcou nessa experiência foi a conexão humana. Ver que, mesmo com poucos recursos, podíamos fazer a diferença no cuidado, na orientação, na escuta. Ajudar alguém a entender como usar um remédio pode parecer pequeno, mas para quem está do outro lado é um gesto imenso. Sem contar que vi muita gente crescer e de forma mais saudável.

Até hoje, guardo com muito carinho as lembranças dessa época em que, com um crachá no peito e uma vontade enorme de ajudar, participei do nascimento de algo grandioso: o início da ação transformadora do Einstein em Paraisópolis.

Lídio Moreira

Gerente de Operações do Einstein –
Expansões Públicas

Minha ligação com o Einstein começou bem antes de eu trabalhar na organização aos 15 anos de idade. Eu fui beneficiário da Pediatria Assistencial. Descobri isso já adulto. Um dia, mexendo nos meus documentos, peguei minha certidão de nascimento e reparei que no verso tinha um número de prontuário e a sigla HIAE. Perguntei para minha mãe e ela respondeu: "Ué, é do Einstein, quando você era atendido na Pediatria Assistencial". Eu sou de 1981, então isso foi antes da Pediatria se mudar para Paraisópolis em 1998.

Em 1996, entrei no Einstein como office boy interno. Fiquei nessa função até 1998, quando o setor foi terceirizado e tive uma curta passagem no Almoxarifado. Nesse período, foi adquirida a primeira casa do Voluntariado em Paraisópolis e começou a transição da Pediatria Assistencial para a comunidade.

Alguns não queriam ir trabalhar em Paraisópolis. Além do receio relacionado à segurança, existia aquele peso do status: estar no Einstein do Morumbi era algo que dava prestígio. Mas, para mim, não era sobre status e sim sobre propósito. Eu vi ali uma oportunidade de crescer e, mais do que isso, de fazer algo que fazia muito sentido para mim. Sempre me conectei muito com esse lado de ajudar o próximo e ser apoio para tantos que necessitam de suporte em uma fase de sua vida, ensinando a pescar e não dar o peixe.

Fui para lá como auxiliar administrativo. Cheguei junto com a mudança. Carreguei caixa, prontuário, cadeira e armário. Ajudei até na mudança da antiga dona da casa, inclusive com seus gatos. Como não tinha aquelas caixinhas para transporte, a solução que encontramos foi colocar os gatos dentro de sacos de batata, daqueles vazados, para eles respirarem. Parece até absurdo hoje, né? Mas foi o melhor que podíamos fazer e oferecer naquele momento.

A mudança não foi só física. Foi uma mudança de mentalidade e de modelo de trabalho. Até então, muito do que se fazia na Pediatria Assistencial era totalmente voluntário e, pela diversidade de pacientes e suas diferentes regiões de residência, era mais desafiador mensurar os resultados. Com a ida para Paraisópolis, passamos a avaliar o impacto da oferta



de serviços de saúde de qualidade, com humanização e muito amor. Enquanto os profissionais contratados faziam a parte técnica – consulta, exame, medicação –, o Voluntariado ficou mais focado no acolhimento, na humanização, no cuidado com as famílias e integração intensa com a comunidade.

A chegada do Einstein na comunidade foi recebida com dois sentimentos: muita felicidade, porque era uma referência, mas também muita desconfiança. As pessoas se perguntavam: "Será que é de verdade? Será que vai durar? Será que eles estão aqui para ajudar mesmo ou têm outro interesse?" E isso é totalmente compreensível.

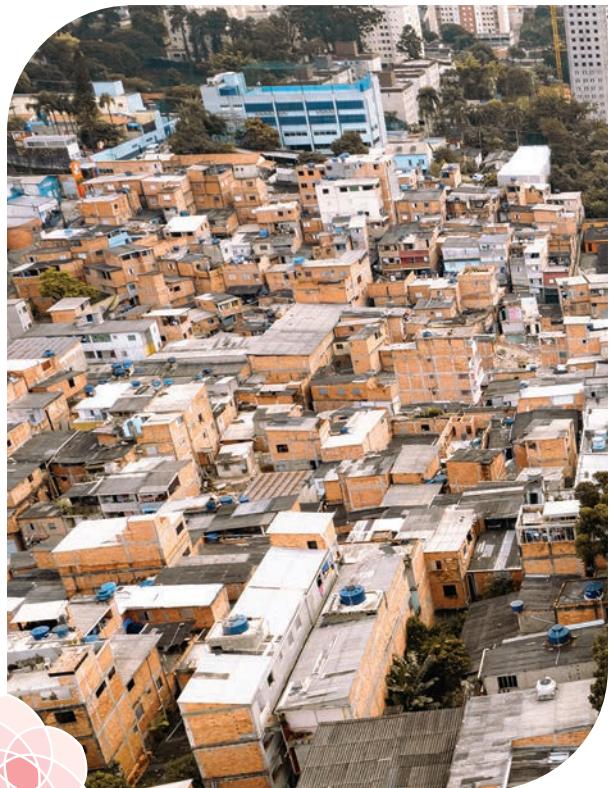
Aos poucos, com muito trabalho e respeito, fomos construindo uma relação forte com a comunidade. Também foi ficando evidente que não dava para oferecer só atendimento médico. A realidade mostrava que as mães precisavam de apoio para cuidar dos filhos, muitas eram vítimas de violência doméstica, não tinham trabalho ou renda. Foi assim que surgiram os projetos socioeducativos, a brinquedoteca, as oficinas, os cursos profissionalizantes. Enquanto a mãe estava na consulta com um filho, os outros podiam estar numa atividade. Mais do que isso, essas famílias precisavam de suporte para mudar a própria realidade. Saúde é um conceito mais amplo do que apenas um serviço de apoio diagnóstico e leitos hospitalares.

Pude testemunhar muitas vidas transformadas. Vi pessoas da comunidade que estavam numa situação difícil, parecida com a que eu vivi na minha infância, e que hoje estão trabalhando, alguns empreendendo e contratando outras pessoas e até atuando no próprio Einstein e em outras organizações.

O Einstein impactou Paraisópolis não apenas na saúde. O mercado imobiliário, por exemplo, valorizou, porque a comunidade passou a ter saúde, segurança, estrutura – coisa que outras não têm. A educação também mudou muito. A presença do Einstein atraiu outras instituições, ampliou projetos, fez outras empresas se interessarem por desenvolver ações sociais lá. Se hoje tanto se fala em ESG e impacto social, para nós isso já é prática há muito tempo.

Tive o privilégio de acompanhar esse crescimento por doze anos da minha vida. Fiquei no Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis até 2014. Posso dizer, com muito orgulho, que fiz parte dessa história desde o início. Em 2014, fui promovido a gerente administrativo e financeiro do Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch – M'Boi Mirim, que é gerenciado pelo Einstein e hoje é muito reconhecido por sua capacidade operacional e acolhimento da comunidade local. Minha vivência em Paraisópolis me preparou para isso, porque lá você aprende a lidar com tudo e com todos. Aprende que escutar a comunidade é fundamental, mas que também precisa ter pulso firme na gestão, tomar decisões, fazer boas escolhas.

Sou grato pelas oportunidades e desafios que ali recebi e enfrentei e hoje, em minha atual função como gerente de Operações - Expansões Públicas, sempre que possível levo equipes e visitas para conhecer essa nobre unidade que faz um trabalho social de verdade.



Joacira Santos

Coordenadora do Ambulatório de Especialidades – Pediatria

Em 1998, eu já trabalhava no Einstein quando fui encarregada de coordenar a implantação, junto com minha equipe, do programa Materno-Infantil no PECP, para atender gestantes e bebês, além de promover o planejamento familiar, oferecendo, inclusive, a colocação de DIU (dispositivo intrauterino), o que era feito por médicos voluntários. O dispositivo era financiado pelo Voluntariado.

O trabalho acontecia em reuniões com grupos de gestantes e de mães com bebês recém-nascidos. O objetivo era acolher e orientar sobre cuidados com a saúde da mulher durante a gravidez, responsabilidades e cuidados do bebê, alimentação durante a gestação e mudanças emocionais, entre outros temas abordados por uma equipe multidisciplinar junto com o Voluntariado Einstein. Também fazíamos acompanhamento do peso dos bebês e orientávamos sobre aleitamento materno, introdução de alimentos na dieta e outros conteúdos relacionados aos primeiros meses de vida da criança.

Uma demanda importante era a de gestantes jovens com gravidez não planejada, que precisavam de um atendimento especial. Para fazê-lo, nada melhor que o time do Voluntariado, hábil na arte de acolher, ouvir e conversar com essas mulheres sem julgamento e de forma humanizada.

As voluntárias recebiam as pacientes perguntando como estavam, se tinham feito acompanhamento médico, qual fora o resultado dos exames. Percebendo se alguém estava mais vulnerável e levantando outras informações, nos ajudavam a ter uma visão melhor do grupo antes mesmo da reunião. Cada grupo com 25 gestantes contava com duas voluntárias, apoiando profissionais e pacientes. Estavam atentas a quem desistia, quem estava mais triste ou com muita rejeição à gravidez para que tivessem atenção especial.

O acolhimento promovido pelas voluntárias nos ajudou a implementar e alavancar o crescimento do programa Materno-Infantil, que dependia da adesão das mulheres. Nossa parceria com as voluntárias foi amadurecendo e passamos a nos reunir regularmente para, conjuntamente, alinhar processos, condutas e aprimorar o que poderia ser melhorado.



Fiquei 12 anos no programa Materno-Infantil, que existe até hoje. Estou novamente na comunidade, agora trabalhando no Ambulatório Médico de Especialidades Pediátricas (AMA-E), unidade que atende pacientes do SUS e é administrada pelo Einstein. Na equipe, contamos com oito voluntárias, que cuidam das crianças na sala de espera do serviço, sempre atentas e acolhedoras com todos.

Algumas mulheres que hoje estão aqui como mães são filhas de mães que tinham participado do programa Materno-Infantil na época em que atuei lá. Sou muito grata por essa oportunidade que contribuiu para meu desenvolvimento pessoal e profissional. Tenho muito orgulho de ter construído esse trabalho junto com o Voluntariado Einstein.

As atividades no primeiro imóvel, que ficou conhecido como Casa 1, começaram pela assistência médica pediátrica. Mas ainda no primeiro ano de PECP um segundo imóvel foi adquirido, permitindo ampliar o leque de iniciativas com o Programa Materno-Infantil, oficinas de trabalhos manuais e reforço escolar.

"Paralelamente, junto com lideranças do Einstein, começamos a estimular políticas públicas e mobilização civil na luta por saneamento básico, acesso à água limpa, coleta de lixo, canalização de córregos, pavimentação de ruas e outros aspectos essenciais à saúde e ao bem-estar das pessoas", conta Telma. Aos poucos, o processo de transformação urbana foi avançando, dando lugar a uma comunidade com comércios e diversos serviços públicos florescendo.

Telma Sobolh

Presidente do Voluntariado desde 1995

Logo nos primeiros atendimentos, na hora de fazer o cadastro dos moradores que participariam do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis, descobrimos que muitas crianças e adultos não tinham certidão de nascimento ou qualquer documento de identidade. Era como se essas pessoas não existissem; um direito básico que não chegava a Paraisópolis. Então, mobilizamos um cartório da região para fazer um mutirão durante três fins de semana para regularização dos documentos.

Mais tarde, conseguimos ajudar os moradores com outro documento que eles desejavam: o de propriedade dos terrenos que ocupavam. Em todas as aquisições que fizemos em Paraisópolis, sempre procuramos imóveis com documentação regular. Mas isso era raridade. A maioria das casas foi construída em terrenos ocupados.

Na época, comecei a receber telefonemas de pessoas que tinham terrenos em Paraisópolis e queriam doar, só que todos eram terrenos que tinham sido invadidos. O que fazer? Eu fui conversar com o então prefeito José Serra sobre isso. Fui muito bem-recebida, mas ele me explicou que não poderia receber esses terrenos porque o IPTU que esses proprietários estavam devendo valia mais que seus terrenos. Seria necessário ter aprovação da Câmara Municipal, o que ele acabou conseguindo.

Os frutos vieram em 2006, com um programa de urbanização da Prefeitura, que incluiu um acordo vantajoso para todos: a troca da dívida de IPTU dos antigos donos dos lotes – que não pagavam o tributo porque suas áreas tinham sido invadidas – pela doação do terreno a quem fazia seu uso social. Teve uma solenidade oficial das autoridades em Paraisópolis para esse anúncio, e acho que eu estava tão emocionada quanto aqueles moradores que seriam beneficiados.

Os acontecimentos favoráveis não pararam aí. Nessa época, tínhamos sido procurados por um grupo de alunos e professores da Faculdade de Direito da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) oferecendo-se para fazer algum trabalho voluntário em Paraisópolis. Fizemos uma reunião com a participação de líderes comunitários, e a regularização dos terrenos foi o foco escolhido. O time da PUC ajudou muito nesse processo de legalização.

Cada documento de propriedade formalizado era um avanço desse ciclo virtuoso que uniu o nosso Voluntariado, o poder público e os parceiros da PUC. Tem um ditado que recomenda fazer limonada se a vida nos dá um limão. Foi isso que fizemos ao transformar o que era problema para proprietários e ocupantes dos terrenos em solução que atendeu a todos.



Aquisição de outros imóveis, obras de expansão e reforma nas instalações e ampliação das atividades permeiam toda a história do PECP. Em 2001, seu complexo arquitetônico, incluindo quadra para atividades esportivas, passou a se chamar Complexo Telma Sobolh, em homenagem à idealizadora do projeto.

Em 2023, ao completar 25 anos de existência, o PECP inaugurou um novo prédio de cinco andares, construído no lugar da antiga Casa 1. Isso permitiu a ampliação das atividades do Núcleo de Ensino e Capacitação Profissional, além da parceria com o Ensino Einstein para a oferta do curso de Ensino Médio Integrado ao Técnico gratuitamente para os jovens da comunidade.

E novos planos já estão em andamento: a demolição de outra estrutura antiga para, em seu lugar, construir a Casa da Criança, um espaço maior, mais acolhedor e inspirador, congregando os Núcleos de Arte & Comunicação, Educação, Saúde e Serviço Social.

O PECP em resumo

- 6 grandes Núcleos: Saúde, Educação, Esportes, Arte e Comunicação, Serviço Social e Capacitação Profissional
- + de 430 oficinas para crianças, jovens e adultos
- + de 6 milhões de atendimentos desde sua criação
- Certificação ISO 9001 desde 2024*

* O Voluntariado tem a certificação ISO 9001 desde 2002, tendo sido a primeira organização do setor a obter essa credencial relativa ao sistema de gestão da qualidade. A certificação obtida em 2024 é específica do PECP.

Alguns indicadores de impacto social**

- 61% dos participantes das atividades de Geração de Renda e Empregabilidade conseguiram gerar renda ou ingressar no mercado de trabalho.
- No Núcleo de Saúde, 92,6% melhoraram o consumo de alimentos saudáveis e 100% dos pacientes em terapia da fala evoluíram nas habilidades de comunicação.
- No desenvolvimento físico, 88% apresentaram melhorias importantes em força, flexibilidade e resistência.
- Na educação, 85% dos alunos avançaram na escrita e na matemática.
- 4,87 é nota de satisfação dos beneficiários, em uma escala de 0 a 5

** Pesquisa PECP realizada em 2024 com 989 participantes das atividades

Monetização do impacto social (SROI)***

- Cada R\$ 1,00 investido no PECP gera o equivalente a R\$ 4,80 em impactos sociais

*** Estudo realizado entre 2024 e 2025 pelo IDIS e Pesquisa Einstein (veja matéria na pág. 44)

 Participantes Moradores em geral

Importância do programa para participantes e moradores em geral ****

O Programa é importante para a população de Paraisópolis.



Acredito que o Programa gera um impacto positivo na comunidade.



Sinto que o Programa é para pessoas como eu e minha família.



Me sinto satisfeito com o Programa e com o que ele oferece.



**** Pesquisa Hibou Pesquisas & Insights realizada em março de 2025. Amostra de 712 respostas completas (358 de participantes das atividades do PECP e 354 de outros moradores da comunidade)

Gabriela Santos Teixeira

Beneficiária do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis

Nasci em Paraisópolis em 1986 e vi a evolução da comunidade e do trabalho das voluntárias. Na verdade, elas fazem parte da minha vida desde que era bebê. Do meu nascimento até os 12 anos, fui acompanhada na Pediatria Assistencial, que funcionava no hospital. Era uma época difícil aqui. Não tínhamos saneamento e faltava água constantemente. Lembro delas orientando as mães sobre a importância dos cuidados de higiene e limpeza. E para nós, crianças, sempre serviam algo para comer e faziam alguma atividade, como desenho ou pintura. Também tinha um bazar na sala ao lado, onde eram vendidos produtos por preços menores. Minha mãe sempre comprava um brinquedo ou uma roupa. Era uma felicidade!

Todo final de ano, assim como outras famílias da comunidade, aguardávamos a entrega da cesta de Natal. Eram dois sacos enormes, repletos de delícias, produtos de higiene, brinquedos. Tinha de tudo. Era surreal, porque as famílias não tinham condições financeiras para tal.

Acho que o acompanhamento médico na minha infância foi muito importante, pois nunca tive nenhuma doença mais séria. Minha mãe conta que, quando bebê, as consultas eram mensais e, conforme crescímos, tornavam-se semestrais e, depois, anuais.

Depois, veio o Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis. A primeira casa fica em frente à minha residência atual. A Pediatria passou a atender nesse local, onde eu levava a minha filha quando criança. Hoje ela está com 15 anos.

Além disso, a expansão das atividades do Voluntariado proporcionou a ela outras oportunidades. Já aprendeu música, violino, ritmos brasileiros e fez um curso preparatório para o ensino médio. Ganhamos também atendimento em especialidades, como a fonoaudiologia, que meu filho mais novo precisa e vem sendo bem atendido semanalmente.

Resumindo: desde o início até hoje, o Voluntariado Einstein é um presente para nós.

Gabriela (à dir.)
com a filha



A revolução cor-de-rosa no Residencial Israelita Albert Einstein

Em dezembro de 2003, o Einstein assumiu a gestão do Lar Golda Meir. Fundada em 1937 pela comunidade judaica, a instituição de longa permanência de idosos enfrentava sérios problemas financeiros, com reflexos no cuidado dos residentes. O lugar foi rebatizado com o nome de Residencial Israelita Albert Einstein, e a nova gestão passou a investir em ampliações, reforma da infraestrutura e em um novo modelo de atendimento, de acordo com as melhores práticas direcionadas ao público idoso.

Logo no início de 2004, o batalhão cor-de-rosa entrou em campo, disposto a contribuir com esse processo de transformação. Na verdade, mais do que transformar, o Voluntariado promoveu uma revolução.

A mudança começou com a profissionalização do trabalho voluntário porque, como diz a presidente Telma Sobolh, é como qualquer outro trabalho, com a diferença que não tem remuneração. A gama de atividades se multiplicou, com oficinas de artesanato, contação de histórias, projeto de memória, jantares, jogos, bingo com direito a prendas, passeios e uma série de outras iniciativas para favorecer a saúde, o fortalecimento da autonomia física e cognitiva, a socialização e qualidade de vida, contribuindo para um envelhecimento saudável e com propósito.



Nivia Collavitti

Gerente do Residencial Israelita
Albert Einstein

Em 2003, eu trabalhava como nutricionista no antigo Lar Golda Meir, que vivia uma crise financeira severa. Nossos moradores, que sempre tinham sido bem atendidos até então, sofriam com o impacto dessa situação crítica. Quando soubermos que o Einstein assumiria o nosso Lar, entendemos que havia chegado o momento de "virar a chave" e preparamos a unidade para receber a equipe do que passaria a ser o Residencial Israelita Albert Einstein (RIAE).

Foi nesse contexto que conheci a D. Telma Sobolh, a presidente do Voluntariado Einstein. Uma de minhas primeiras lembranças é daquela mulher loira, determinada, fazendo a gente abrir as portas de quartos trancadas há anos, onde guardávamos passaportes e outros documentos dos residentes – muitos desses papéis já destruídos pelas traças. Ela olhava aquilo e dizia: "Isso não pode ficar assim. Isso é memória, tem valor, tem história! Rapidamente fizemos um mutirão – a própria D. Telma participou – e toda aquela documentação foi organizada e levada para ser preservada no centro de memória da comunidade judaica. Nós, não judeus, nos demos conta de que não estávamos guardando aquilo com o devido respeito, que havia ali muito significado, e ela viu isso imediatamente.

Mas esse foi só um sinal de que a revolução cor-de-rosa estava apenas começando. O foco seguinte foi a atividade do voluntariado que, na época do Golda Meir, era quase que simbólico. Diziam que havia cerca de mil voluntárias, mas, na



prática, algumas poucas eram atuantes de fato. Vinham quando queriam e faziam as atividades conforme iniciativa própria.

A D. Telma chegou estabelecendo regras claras e inegociáveis: voluntariado não é hobby, não é passatempo. Tem dia, hora e um propósito a cumprir. Quem não podia assumir esse compromisso não estava apto a ser um voluntário Einstein.

Confesso que achei que não sobraria uma voluntária no Residencial, mas aquelas que realmente queriam se dedicar ficaram e hoje vestem a camisa do Voluntariado Einstein. O azul (cor do jaleco das voluntárias do Golda Meir) deu lugar ao cor-de-rosa do Voluntariado Einstein e ao início de uma era de transformações. Com a D. Telma aprendi que ser voluntário não é dar o que sobra. É, muitas vezes, oferecer aquilo que



também nos falta. Ela nos ensinou que o voluntário existe para o outro, não para si. Se antes cada um tinha um propósito pessoal para estar junto aos moradores, agora todos se voluntariam por um propósito comum.

O voluntariado tornou-se algo estruturado, respeitoso, profissional. Nós, funcionários, passamos a ser ouvidos pelos voluntários, algo que não acontecia antes. E os moradores do RIAE também foram ouvidos sobre o que faria a diferença para suas vidas. O voluntário deixou de ser alguém que vinha ajudar como e quando queria para se tornar parte da equipe, participando conjuntamente do planejamento das iniciativas e do cuidado dos moradores.

Pensando o impensável

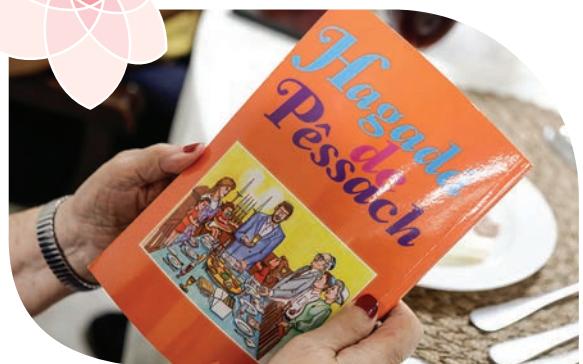
Até iniciativas impensáveis a D. Telma pensou e foram implantadas ações como proporcionar viagens e passeios aos residentes. "Querovê-los na rua", ela dizia. Parecia impossível levar idoso com cadeira de rodas, andador, demência para fora daquele ambiente protegido, mas para ela não era. Mercado Municipal, Hebraica, teatro... levávamos tudo o que fosse preciso, equipe assistencial, cuidadores e voluntários trabalhando juntos em prol de qualidade de vida dos moradores.

Datas judaicas importantes começaram a ser celebradas como manda a tradição. Por exemplo, o seder de Pessach (data que celebra a libertação dos israelitas da escravidão do Egito rumo à Terra Prometida) passou a ser realizado no Residencial anualmente, patrocinado pelo Voluntariado. Seria mais fácil o idoso ir para a casa de um filho? Sim. Mas, enquanto os pais são vivos, são eles que recebem os familiares em suas casas, e o RIAE é a casa desses idosos. Eles têm orgulho em receber os filhos e netos no seder. Sentem-se realizados. Com esses eventos, D. Telma deixa claro o que norteia as decisões: ela avalia o custo, mas, acima de tudo, olha o valor que esta ação agrega para os residentes.

São iniciativas ousadas, mas acho que a grande ousadia do Voluntariado Einstein está em uma esfera superior: é buscar que os idosos encontrem propósito em suas vidas dentro do RIAE. Se a gente falar que precisa trazer a lua para dentro do Residencial porque isso vai trazer propósito para a vida deles, sei que a D. Telma vai bolar um jeito de fazer a lua descer e chegar até aqui.

Covid: impacto para funcionários e residentes

Eu não consigo imaginar o Residencial sem os voluntários, e o impacto da ausência deles ficou evidente durante a pandemia da Covid-19. Pessoas acima de 60 anos eram as mais vulneráveis,



portanto, nossos moradores e grande parte dos voluntários estavam no grupo de risco. Achávamos que a paralisação seria só de duas semanas... Que ilusão! O tempo foi passando, e o peso foi crescendo. Nós, funcionários, ficamos sozinhos com os idosos, que precisavam de cuidados, atenção, afeto, conversa, distração e, sem os voluntários, percebemos o quanto dependíamos deles. Aquilo que parecia ser apenas um apoio, na verdade era essencial.

A rotina ficou muito difícil. O estresse tomou conta. Então, o Voluntariado começou a buscar caminhos. Primeiro surgiu a ideia de entregar um docinho toda sexta-feira, como um gesto de atenção e carinho, como quem diz: "vocês não estão esquecidos".

Para que os residentes não ficassem só com a televisão como fonte de entretenimento no isolamento de seus quartos, providenciaram livros de pintura, lápis de cor, mandalas, assinatura de revistas. Até jogos americanos para as mesas vieram para tornar mais agradáveis as refeições nos quartos. Também asseguraram que todos os idosos recebessem diariamente a ligação de um voluntário. Às vezes eram até 40



minutos de chamada para conversar, aliviar a solidão. Também faziam videochamadas nos aniversários e cantavam parabéns em coro. E seria melhor se residentes com dificuldade de visão dispusessem de tablets para enxergar melhor seus familiares nas videochamadas? O Voluntariado mandou dez.

Na época, tivemos de contratar mais vinte funcionários só para suprir o que antes os voluntários faziam: pintar o cabelo, fazer manicure, folhear junto o álbum de fotos e perguntar detalhes, ler um livro, jogar dominó, ouvir... Atividades que parecem simples, mas que são fundamentais para o bem-estar dos idosos. Com o fim da pandemia, quando o time cor-de-rosa voltou, não sei quem festejava mais, se os residentes ou nós, funcionários.

Ensinamento para pós-graduandos

Eu sou uma das coordenadoras do curso de pós-graduação do Einstein de Gestão de Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPIs) e colocamos em um dos módulos uma tarde só para falarmos sobre o voluntariado. A nosso pedido, a equipe da D. Telma deu aula no ano passado e este ano. Certa vez, um dos alunos questionou porque falar de voluntariado se todos os participantes do curso eram de casas de repouso privadas e não filantrópicas. Respondi que não importa se é filantrópica ou privada, o voluntariado existe a partir da missão da instituição.

Muitos alunos ainda não entendem que não basta oferecer apenas a prestação de serviço aos idosos moradores de ILPIs. É preciso levar também o senso humano e comunitário – e isto não é o funcionário quem faz com maestria.

No RIAE eu costumo dizer que nós, funcionários, somos os braços, e o Voluntariado é o coração. Cuidamos dos idosos com os braços e o coração. Um não funciona sem o outro. Cuidamos bem, porque cuidamos em conjunto – uma equipe com um propósito em comum.



Claudia Milnitzky

Primeira coordenadora do Voluntariado no Residencial Israelita Albert Einstein

Quando o Einstein assumiu a gestão do Residencial, fui convidada para formar e coordenar uma nova equipe de voluntários, que se juntaram aos que já atuavam ali. Eram cerca de 15 pessoas, que não tiveram problema para se adequar às novas rotinas e regras que fomos implantando. Minha tarefa era ampliar e capacitar esse contingente, além de criar novas lideranças para se integrarem aos setores que estavam sendo criados, com novas atividades para movimentar a vida dos idosos.

Foi um trabalho bem planejado e desenvolvido de maneira colaborativa, junto com os profissionais do Residencial.

De início, os idosos se mostraram um pouco inseguros com a mudança, o que é normal. Era preciso criar um vínculo com eles – missão perfeita para o Voluntariado. Isso foi sendo construído gradativamente.

A seleção de candidatos seguiu o processo bem-estruturado do Voluntariado Einstein. Os interessados passam por uma triagem, assistem a uma apresentação sobre os setores de atuação e preenchem uma ficha indicando aqueles com os quais mais se identificavam. Quem tinha o perfil adequado para trabalhar com idosos era selecionado para atuar no Residencial.



No período em que estive lá, aproximadamente dezoito meses, passamos para cerca de 90 voluntários e expandimos para quase 20 os setores de atuação, com atividades em saúde, bem-estar e entretenimento para os residentes. Incluímos dentista, psicólogo e fisioterapeutas como profissionais voluntários. Criamos a biblioteca com livros que vinham de doação, projetos como o Memória, a boutique (espaço com roupas doadas), entre outros setores de interesse dos idosos. Também passamos a oferecer serviços que contribuem para a autoestima, como cabeleireiro, manicure e podologia. Além disso, iniciamos um trabalho de horticultura, possibilitando aos idosos participar do plantio e fazer vasinhos que levavam para seus quartos, e implantamos a informática, com um instrutor que ensinava os residentes como usar as ferramentas de comunicação para falar com filhos e netos.

Outra novidade foram os passeios, favorecendo a socialização. Acompanhados de voluntários, os idosos começaram a frequentar a feira próxima do Residencial, ir à Congregação Israelita Paulista, a restaurantes e assistir a concertos na Sala São Paulo. A vida ficou mais colorida e com mais opções de lazer. Não se sentiam mais isolados, solitários. A solidão é o grande mal do idoso.

Com esse acolhimento, a relação entre voluntários e residentes se estreitou, com um imenso carinho mútuo.

Minha experiência no Residencial foi incrível. Tínhamos uma troca de experiências muito rica. Recebi muito mais do que dei. Eu chegava lá feliz e saía com o coração transbordando de alegria. Até casamento presenciei. Dois residentes se apaixonaram, namoraram e tiveram uma linda festa de casamento. Foi tudo muito gratificante.



Sandra Sandacz

Coordenadora do
Voluntariado no Residencial Israelita
Albert Einstein

Alactualmente coordeno o trabalho dos cerca de 120 voluntários que atuam no Residencial Israelita Albert Einstein (RIAE), mas nunca deixei de exercer minha primeira atividade desde que comecei aqui há 17 anos: atuar na Biblioteca. Dessa forma, consigo manter contato direto e rotineiro com os residentes, que são as minhas paixões. Apoiando os usuários, inclusive ajudando a lidar com a informática, vi muitas cenas marcantes.

Lembro, por exemplo, quando o Skype apareceu. Foi uma revolução, mas para os idosos era a coisa mais difícil do mundo estabelecer uma ligação. Com paciência, fomos vencendo os obstáculos. Eu acompanhei toda essa evolução que os smartphones estão deixando ficar no passado. Apesar disso, até pouco tempo atrás, ainda tinha idosos que preferiam o Skype. Muitos tinham dificuldades auditivas, então, usar o computador, com uma tela maior e um fone de ouvido, ajudava muito na comunicação.

Uma das histórias que mais me marcaram nesses anos todos foi a de uma senhora que faleceu no final de 2024, com 103 ou 104 anos — não lembro exatamente. Ela estava no Residencial havia cerca de dez anos. Toda quinta-feira, às 9 horas da manhã em ponto, ela ficava na porta da biblioteca, com batom passado, esperando para falar com o filho que morava em Israel. Era um ritual.

Tinha residente que achava que o computador era só uma máquina de escrever moderna: usava o Word, digitava, imprimia e saía feliz. Outras, encantadas com o Google, pediam para buscar receitas da Ana Maria Braga. Eu fazia de tudo para despertar o interesse dos idosos. E muitos aprenderam.

Meu maior desafio é coordenar a equipe de voluntários em diversas atividades, que vão desde música até artesanato, passando por 16 setores diferentes. Como retorno, recebo o sorriso dos idosos e a confiança e a parceria da equipe profissional do Residencial.

Espero poder continuar colaborando para o bem-estar dos idosos do RIAE por muito tempo.



A jornada do Voluntariado junto com o Einstein nos hospitais públicos

O ano de 2010 marcou a chegada do Voluntariado ao Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch – M'Boi Mirim, na região do Jardim Ângela, cuja gestão o Einstein assumira dois anos antes. Era a primeira vez que o nosso time cor-de-rosa atuaria em um hospital público.

O passo inicial foi entender a dinâmica da unidade, o perfil dos pacientes e identificar onde o Voluntariado poderia suprir necessidades e fazer a diferença. Feito esse diagnóstico, o desafio foi selecionar (e depois treinar) voluntários para atuarem no M'Boi, preferencialmente moradores da região, o que facilitaria a interação com pacientes e familiares.

Não demorou para que o time cor-de-rosa começasse a imprimir suas marcas de acolhimento e humanização. Visitação, contação de histórias, brinquedoteca para os pacientes pediátricos, festas, distribuição de brinquedos em datas comemorativas... As atividades foram se multiplicando.

Outra iniciativa, esta uma parceria entre Voluntariado, diretoria do hospital e RH do Einstein, foi a criação do Programa Educa M'Boi, com a oferta de cursos profissionalizantes, como de copeiro e auxiliar administrativo, para moradores da região. Parte dos formados foi contratada para trabalhar no próprio hospital.

Os frutos foram tão positivos que em 2015, antes mesmo da inauguração do Hospital Municipal Vila Santa Catarina, o segundo a ser gerido pelo Einstein em São Paulo, o diretor da unidade procurou a liderança do Voluntariado para pedir a presença dos voluntários.

Pedido feito, pedido aceito. Assim que o hospital foi inaugurado, o time cor-de-rosa deu início às atividades no Ambulatório de Transplantes, dando suporte aos profissionais da área, colaborando com os grupos de orientação pré-transplante e apoiando pacientes e familiares. Depois, como havia feito no M'Boi, foi expandindo suas atividades com visitação, atividades de descontração, como o "Ri Comigo, Amigo", atuação como doula junto a parturientes e puerperas, promoção de festas em datas especiais etc.

Samira Scalso de Almeida Machado

Ex-coordenadora do Hospital Municipal Vila Santa Catarina, atual gerente assistencial da Unidade Unimed-Florianópolis, que é administrada pelo Einstein

Em 2015, quando o Einstein passou a gerir o Hospital Municipal Vila Santa Catarina, fiquei responsável pela coordenação dos ambulatórios de transplantes e oncologia, da medicina diagnóstica e do programa de diálise.

Desde o início da gestão, pensamos em envolver o Voluntariado. Sempre fui fã do trabalho das voluntárias. Antes de ir para o Vila Santa Catarina, fui enfermeira assistencial da área de transplantes do Einstein e vi como elas levavam acolhimento e o quanto isso impactava no ânimo dos pacientes transplantados. Fazia todo sentido estender a atuação para o hospital que estava nascendo e tinha um público muito vulnerável socioeconomicamente. A gerente na época, Gabriela Sato, me pediu que ajudasse na implantação do trabalho das voluntárias, que também tinham interesse em expandir sua atuação para essa nova unidade.

Conjuntamente, fomos mapeando e alinhando o modelo, perfil da equipe e demandas. O ambulatório de transplantes, por exemplo, tinha grande volume de pacientes e precisávamos de ajuda imediata no controle do fluxo do local. Lembro que a primeira voluntária dessa área foi uma transplantada, que conversava com as pessoas com extrema empatia, já que ela sabia exatamente o que sentiam, seus anseios, medos e necessidades, inclusive materiais. O perfil dos voluntários tinha suas particularidades. Era preciso sensibilidade para lidar com pacientes mais vulneráveis, além de ter uma boa comunicação.



Como era um novo hospital, as pessoas não estavam acostumadas e se sentiam perdidas, então era muito importante saber informar e orientá-las. Para preparar as voluntárias, promovi um treinamento sobre fluxos, funcionamento das áreas, abordagem dos pacientes e suas maiores necessidades.

O grupo de voluntários foi crescendo e expandindo sua atuação para outras áreas, como ambulatório geral, internação, pediatria e maternidade. Minha participação foi na implantação. Depois de alguns meses, o trabalho voluntário caminhava por si só, com o próprio grupo detectando novas demandas.

O Voluntariado estava atento também para as necessidades materiais. Algumas vezes os pacientes internados não tinham roupas ou itens de higiene pessoal, que eram providenciados e entregues por eles. Tivemos na época também a doação de aparelhos de TV para os leitos.

Fomos logo percebendo os impactos positivos – da melhoria do fluxo à reação dos pacientes, fruto do acolhimento que recebiam. Ao serem abordados com gentileza, perguntados se precisavam de alguma coisa e se queriam conversar, sentiam-se valorizados e com melhor autoestima.

Os voluntários contribuíam com os próprios colaboradores, com os quais conviviam como colegas de trabalho, procurando ajudar quando percebiam que alguém estava sobrecarregado. Foi estabelecida uma verdadeira relação de parceria. Para um hospital ter sucesso é preciso contar com alguns pilares fundamentais. O voluntariado, com certeza, está entre eles.

Além dos vários setores de atuação direta, o Voluntariado está por trás de uma série de melhorias implantadas nos dois hospitais municipais, financiando reformas e adequações de áreas, doando equipamentos médicos, cadeiras de rodas, itens de mobiliário, como poltronas, aparelhos de TV para ajudar no entretenimento de pacientes e acompanhantes, macas e uma série de outros itens.

Tanto o M'Boi Mirim como o Vila Santa Catarina apresentam índices de satisfação dos pacientes superiores a 90%. Além da qualidade da assistência prestada pelos profissionais do Einstein, a humanização proporcionada pelos voluntários e as doações que melhoraram a estrutura e os recursos das unidades têm muito a ver com isso.



Ação de acolhimento na maternidade



Atividade para descontrair (à esq.) e entrega de presente (acima)



Pandemia: tempo de se reinventar

Um dos maiores desafios para o Voluntariado veio em 2020, com a pandemia da Covid-19. "Parecia um maremoto que estava caindo sobre nós, uma vez que voluntariado é quase sinônimo de presença junto às pessoas", lembra a presidente Telma Sobolh.

Já em março, com o avanço dos casos e seguindo orientações de isolamento, as atividades presenciais foram suspensas. Todavia, em vez de se recolher e esperar a tormenta passar, o batalhão rosa iniciou a luta para suprir as necessidades mais urgentes da população mais vulnerável. Campanhas realizadas ao longo de 2020 e 2021 sob o slogan "Quem tem fome tem pressa" tiveram a adesão de pessoas físicas, como José Seripieri Júnior, e empresas de todos os portes, incluindo organizações como o Banco Daycoval e a Minuano. Foram arrecadados mais de R\$ 5,8 milhões em doações que impactaram mais de 270 mil pessoas com a entrega de alimentos e outros produtos essenciais naquele momento dramático.



- + de 88 mil**
cestas de alimentos
- + de 70 mil**
cestas de produtos de limpeza
- + de 70 mil**
kits de higiene
- + de 140 mil**
máscaras
- + de 5 mil**
brinquedos



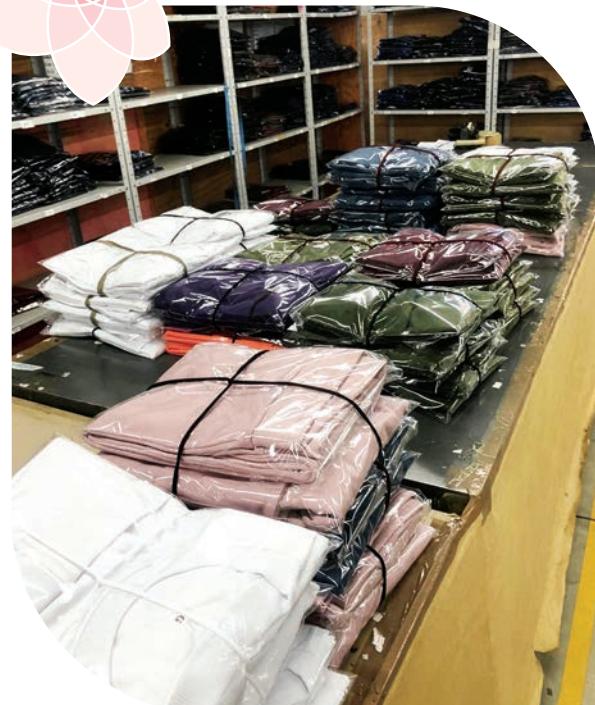
Paralelamente, o Voluntariado precisou se reinventar para manter o vínculo com os públicos atendidos. Tecnologias digitais e ferramentas de comunicação tornaram-se trunfos para inovar, fazendo-se "presente" pelos meios virtuais.

Em Paraisópolis, cursos, tutoria e apoio às atividades escolares para mitigar as dificuldades das aulas remotas adotadas no sistema de ensino e atendimentos como os de psicologia passaram a ser realizados online. Cerca de 100 tablets foram comprados para que estudantes pudessem acompanhar as aulas no ambiente virtual.

Já telefonemas e vídeos gravados pelos voluntários levaram conforto, humanismo e apoio emocional para os idosos do Residencial Israelita Albert Einstein e para os pacientes do Einstein do Morumbi e dos hospitais públicos gerenciados pela organização.

Em agosto de 2021, iniciou-se uma retomada gradual e opcional das atividades presenciais, com protocolos rígidos e testagem para Covid-19 em todos os voluntários que retornaram. Mesmo com a reabertura, muitas ações remotas continuaram, consolidando um modelo híbrido que se tornou um dos principais legados do período.

A experiência durante a pandemia mostrou como combinar organização, solidariedade e inovação para continuar cumprindo a missão de transformar vidas. Transformando adversidade em aprendizado, o Voluntariado consolidou novas práticas e, combinando presencial e virtual, expandiu seu impacto. Em tempos de incerteza, mostrou que o cuidado e o compromisso social podem – e devem – se reinventar para chegar a quem mais precisa.



A chegada ao Centro-Oeste

A expansão do Einstein sempre foi acompanhada pelo Voluntariado. Foi assim que em 2023 o time cor-de-rosa chegou ao Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia (HMAP), unidade pública de saúde que passara a ser gerenciada pelo Einstein no ano anterior.

Fincar a presença em um novo Estado, entender o perfil e as necessidades do público a ser atendido, recrutar e formar um corpo de voluntários locais... Desafios não faltavam, embora o Voluntariado já levasse na bagagem a experiência em unidades de São Paulo com perfil semelhante, como o Hospital Municipal do M'Boi Mirim.

O processo de implantação do Voluntariado em Aparecida de Goiânia (GO) foi cuidadosamente planejado a partir do diálogo e interações com pessoas do lugar.

"Fizemos reuniões com o secretário da Saúde e lideranças locais para entender as necessidades da população e como poderíamos ser úteis. Também investimos na comunicação pelas nossas redes sociais, promovemos palestras para os colaboradores do Einstein Goiânia e do HMAP, ganhamos espaço na imprensa local e firmamos parcerias com influenciadores digitais que ajudaram a repercutir nosso projeto", conta Telma Sobolh, presidente do Voluntariado. O sucesso dessa estratégia pode ser medido pelo número de inscritos para participar da reunião em que foi feito o processo seletivo dos voluntários: 180 pessoas.

As atividades começaram em abril, com 27 voluntários atuando em três setores: ambulatório, brinquedoteca e visitação. "Também passamos a entregar kits de higiene e, considerando que geralmente são pessoas com poucos recursos econômicos, criamos o Espaço Solidário, onde são doadas peças de vestuário provenientes de doações de pessoas da região. Não é incomum pacientes receberem alta e não terem roupas adequadas para voltar para suas casas", afirma Rosemeire Urbinati Yassui, gerente do Departamento de Voluntários.

Não demorou para que o time cor-de-rosa expandisse sua presença no Centro-Oeste: em 2024 levou suas atividades também para o Einstein Goiânia, unidade privada da organização. Leva a essas unidades o que o Dr. Felipe Piza, que foi diretor médico desses dois hospitais até meados de 2025, define como "a chama que só o Voluntariado acende".

Reuniões com colaboradores do Einstein (abaixo) e com candidatos a integrar o Voluntariado no HMAP (ao lado)



Felipe Piza

Diretor médico do Einstein Goiânia e do Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia – Íris Rezende Machado até 2025, atualmente diretor executivo de Responsabilidade Social e Filantropia do Einstein

Quando assumimos o Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia – Íris Rezende Machado (HMAP), o cenário era desafiador, com um sistema de saúde com muitas oportunidades de melhoria, profissionais desmotivados e isso ainda agravado pela pandemia.

Aplicamos tudo aquilo que já está no DNA do Einstein: protocolos, fluxos, gestão eficiente e segurança. Isso logo começou a fazer diferença. Mas eu percebia que ainda faltava algo: aquela chama que só o Voluntariado acende. Quando a D. Telma veio conhecer o HMAP, logo percebeu que o ambiente era uma terra fértil e começamos a co-construção do Voluntariado aqui.

Uma das primeiras voluntárias foi a mãe de um médico nosso. Ela ouvia tanto, em casa, sobre as mudanças que o Einstein estava trazendo, que sentiu essa vontade e esse chamado. E olha que ela mora em Anápolis – se desloca mais de uma hora para estar no HMAP como voluntária. Isso, para mim, já era uma resposta de que o movimento estava no caminho certo.

E, quando você começa, a chama se espalha. Inclusive o secretário de Saúde de Aparecida de Goiânia, Dr. Alessandro Magalhães, adorou a energia e o entusiasmo da Dona Telma para fazer as coisas acontecerem.

As pessoas foram se conectando, querendo participar. Logo surgiram várias áreas do hospital pedindo: "Doutor, será que conseguimos voluntários para ajudar aqui?". E isto o voluntário faz: acolhe, orienta, conforta, ameniza a dor e a ansiedade naquele momento difícil de incerteza.

Nessa jornada, uma situação me marcou muito. Tínhamos um colaborador, o Roberto Izidro de Oliveira, que trabalhava na pesquisa. Um dia, ele me procurou e disse: "Doutor, eu adoro meu trabalho, mas eu estou sentindo um chamado. Quero ir para o Voluntariado". Eu olhei para ele e falei: "Mas é claro! Que alegria saber que você encontrou o seu lugar". E assim ele fez essa transição. Hoje é o coordenador do Voluntariado aqui.

Outras histórias comoventes surgiram. Teve o caso de um paciente muito querido, que tinha uma doença bastante grave. O sonho dele era tocar com o seu grupo musical mais uma vez. Sabe

o que nós fizemos, com apoio dos voluntários? Trouxemos o grupo para o hospital, organizamos tudo no nosso jardim, com todos os cuidados, suporte de equipamentos, paramentação, e ele pôde cantar. Foi um momento emocionante. Poucos dias depois ele faleceu. Mas partiu com esse desejo realizado.

O Voluntariado resgata o que há de mais humano no cuidado. O impacto disso nos pacientes é enorme. No começo, alguns se perguntavam porque precisávamos de voluntários no hospital. Logo perceberam o papel de acolher, de estarem próximos das pessoas, da visitação, do carinho de fazer um bolo de aniversário, da brinquedoteca para as crianças internadas, da ligação para um parente distante... Isso transforma completamente a experiência dos pacientes e familiares. Hoje o NPS (Net Promoter Score) do HMAP é 97. Nunca vi isso nem na área da saúde nem fora dela. E não tenho dúvida de que isso se deve ao trabalho dos nossos profissionais, claro, mas também à presença viva e atuante dos voluntários.

Esse movimento foi tão potente que quisemos levar o Voluntariado também para o Einstein Goiânia. Lá estamos vivendo uma experiência linda, ainda numa fase mais inicial, mas com a mesma força. E sabe o que é bonito? Em Goiânia percebi um perfil diferente: muitos jovens, inclusive estudantes de Medicina, querendo ser voluntários. Eles dizem: "Doutor, isso aqui me ajudará a ser um médico melhor". Eu acredito profundamente nisso.

Evento de Natal no Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia



O futuro já começou

Nesta entrevista, Telma Sobolh, nossa presidente, fala sobre os próximos passos do Voluntariado e a determinação em seguir expandindo sua presença e suas atividades para gerar cada vez mais impacto social. Até onde vai chegar? "Infinito, infinito", responde ela.

Como o Voluntariado olha para o futuro?

Dizem que é no presente que começamos a construir o futuro. E nós estamos sempre fazendo isso. Depois dos dois hospitais no Centro-Oeste (Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia e Einstein Goiânia), recentemente chegamos ao Nordeste. Implantamos o Voluntariado no Hospital Ortopédico do Estado da Bahia (HOEB), que é gerenciado pelo Einstein. É um hospital maravilhoso.

Como foi esse processo na Bahia?

Com a nossa experiência em outras localidades, pudemos seguir o mesmo roteiro. Divulgação nas redes sociais e nas mídias convencionais para apresentar nossas atividades, captar candidatos – foram cerca de 230 inscritos –, realizar entrevistas para fazer a seleção e, depois, treinar os novos voluntários.

Também estivemos no hospital para conhecer a unidade, fazer reuniões para entender as necessidades e identificar aquelas onde podemos contribuir.

Iniciamos as atividades com 24 voluntários e dois setores de atuação: ambulatório e visitação. O movimento no ambulatório é enorme, e os voluntários ajudam no acolhimento, nas orientações e no atendimento de necessidades de pacientes e familiares. Às vezes são coisas bastante simples, mas muito importantes. Por exemplo, como o hospital atende pacientes de outras cidades, às vezes eles têm dificuldade para solicitar uma ambulância para buscá-los. Já a visita aos pacientes internados é uma atividade de humanização – ouvir, conversar, dar atenção ao ser humano. Na rotina, os colaboradores estão ocupados, sem tempo para outra coisa que não sejam suas atividades profissionais. Eles cuidam da saúde dos pacientes, os voluntários cuidam dos seres humanos.

Tem diferenças entre implantar voluntariado em Goiás e na Bahia?

Sempre há diferenças, seja São Paulo, Goiás, Bahia, seja em diferentes cidades de um mesmo estado e até em diferentes bairros de uma mesma cidade. O que eu senti em Salvador foi uma cultura bastante forte para o trabalho social. Na minha ida para a capital baiana para a implantação do Voluntariado no HOEB, tive a oportunidade de conhecer outras iniciativas inspiradoras, como as Obras Sociais Irmã Dulce, o Vale do Dendê e a Associação Artístico-Cultural Odeart.

O Einstein tem ampliado seu número de unidades tanto no setor público como no privado. Como o Voluntariado acompanha esse crescimento?

Nós procuramos caminhar junto, dentro das nossas possibilidades e sempre considerando se existe serviço para o voluntário e as condições para ele trabalhar ali. Já estamos preparados, por exemplo, para implantar o Voluntariado no Centro de Cuidados e Terapias Avançadas em Oncologia e Hematologia, que o Einstein está construindo no Parque Global, na capital paulista, e que deve ser inaugurado em 2027. Creio que não teremos grandes desafios, porque já atuamos na Oncologia da unidade Morumbi e no Hospital Municipal Vila Santa Catarina, que atualmente é focado nessa especialidade médica.



Reunião com colaboradores do Hospital Ortopédico do Estado da Bahia

E quais são os planos para Paraisópolis?

O Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP) segue uma jornada de crescimento constante. Temos coisas interessantes impulsionando as atividades, como a parceria com a Diretoria de Suprimentos do Einstein, que tem ajudado a trazer o apoio de fornecedores, e a parceria com as faculdades do Ensino Einstein, com uma série de ações conduzidas no bojo de seus programas de estágio e extensão universitária. Além disso, com a valorização dos princípios e práticas ESG (sigla em inglês para Governança Ambiental, Social e Corporativa), temos muitas empresas e organizações que buscam se engajar ou desenvolver oficinas e cursos no PECP.

Em setembro, por exemplo, inauguramos o Centro Digital, um projeto em parceria com a Accenture. Em vez de atividades dispersas nos Núcleos de Capacitação e Artes e Comunicação, agora temos uma estrutura de trilhas construídas a partir de critérios de idade e dos objetivos do participante. A pessoa pode buscar aprendizados para trabalhar na área ou para se dedicar a iniciativas como o desenvolvimento de games ou simplesmente adquirir conhecimentos básicos para se familiarizar com os recursos digitais. É uma abordagem inovadora, e já estamos pensando em adotar esse mesmo conceito para criar um Centro da Mulher, também congregando as diferentes atividades voltadas ao público feminino e foco nos objetivos e necessidades de cada participante.

Outro projeto que começa a ganhar vida é a nova Casa da Criança, que abrigará as ações dos Núcleos Arte & Comunicação, Educação, Saúde e Serviço Social. A atual estrutura será demolida para dar espaço a um prédio maior, mais acolhedor e inspirador. O estudo de viabilidade já existe. Ele foi criado e doado pela Perkins&Will, a partir de uma escuta ativa e um olhar sensível, que mostra que a arquitetura também tem o poder de transformar vidas, estabelecendo conexões com os seres humanos que vão muito além do aspecto funcional. Creio que em um ano e meio ou dois, a nova Casa da Criança será realidade.



Ao longo desses 70 anos, o que mudou no perfil dos voluntários?

Em relação aos primeiros tempos, temos mais diversidade em termos de gênero, idade, nível de escolaridade, condições socioeconômicas, religião etc. Mas tem algo que não muda, que são os nossos valores: compromisso, ética, solidariedade, respeito às diferenças, integridade e humildade. É algo tão forte que, na maioria das vezes em que não há sintonia de valores, a própria pessoa acaba decidindo sair do Voluntariado. Quem não está alinhado aos nossos valores ou tem outros interesses, como buscar amizades ou um parceiro para casar ou mesmo se ligar ao Voluntariado achando que isso será uma ponte para futuramente ser contratado pelo Einstein, não tem perfil para trabalhar conosco. É nos nossos valores e no propósito de transformar vidas e gerar impacto social que está a nossa essência. É o segredo dessa história de sucesso que estamos escrevendo há sete décadas. Recentemente, conversando com a voluntária Sandy (Alessandra Wagner Rahmani), que é neta da Judith Schachnik (presidente do Voluntariado entre 1963 e 1981), eu disse: estamos mantendo o legado que a sua avó deixou. "O Voluntariado segue como um pedestal muito importante para a organização", ela comentou.

Outro aspecto fundamental do voluntário Einstein é atuar segundo as regras, normas e processos do trabalho voluntário profissional. Eu não acredito em outro caminho e repito sempre: voluntariado é um trabalho como qualquer outro, a diferença é que não é remunerado.

Essa postura relacionada a princípios e valores se aplica também aos parceiros. Se o objetivo é ajudar quem precisa, são bem-vindos. Se nos procuram com segundas intenções, como usar nossos projetos como ferramentas de marketing ou promover seus produtos e serviços, rejeitamos a oferta.



Cada vez mais o Voluntariado tem investido em estudos e pesquisas para avaliar o impacto de seu trabalho. Por quê?

Primeiro porque dados são fundamentais para nortear a gestão, direcionar as estratégias e a melhor aplicação dos recursos. Por exemplo, a cada seis meses, avaliamos as cerca de 430 oficinas de Paraisópolis. Temos indicadores para cada uma delas para medir se estão gerando os impactos desejados, se tem absenteísmo, se há fila de espera. E, conforme os resultados, fazemos os ajustes necessários. Os recursos têm que ter o melhor uso possível, gerando o maior impacto possível. Além disso, quando você demonstra objetivamente os frutos que tem gerado, você reforça credibilidade e confiança, atributos importantes para conquistar e fidelizar doadores, apoiadores e parceiros.

Este ano, pela primeira vez, realizamos um estudo do nosso programa em Paraisópolis pela metodologia SROI (Social Return On Investment), com o Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS), que traduz em valor monetário os impactos sociais gerados com os investimentos. O trabalho mostrou que cada R\$ 1,00 aplicado gera R\$ 4,80 em impactos sociais (leia matéria na pág. 44). É um indicador relevante para o Einstein e para todos os demais envolvidos. E para mim, que liderei a criação do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis e estou há mais de 40 anos no Voluntariado, é uma evidência de que a vida que tenho vivido é uma vida que vale a pena.

Em 2026, queremos fazer um estudo SROI para o Voluntariado como um todo. Também realizaremos uma pesquisa junto aos nossos voluntários, para avaliar satisfação e engajamento.



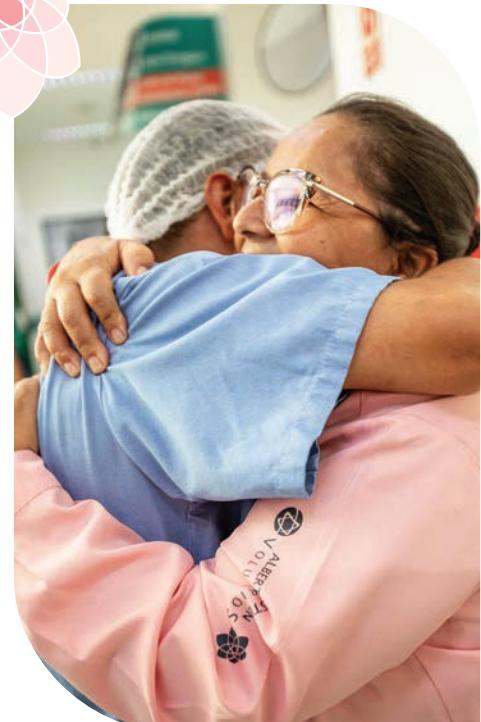
Nessas suas décadas à frente do Voluntariado, qual acontecimento foi mais marcante ou curioso?

Ah! São inúmeros, mas o que eu destaco são ocorrências aparentemente incomuns que se repetem constantemente na minha jornada. Por exemplo, uns anos atrás, chegou uma demanda do Hospital Municipal do M'Boi Mirim. Tinha nascido um bebê com severa alergia ao leite materno que precisava de um leite especial. Perguntei quanto ia custar isso. Considerando os meses que a criança precisaria desse leite para se alimentar, o valor girava em torno dos R\$ 30 mil. Lógico que queríamos ajudar a salvar a vida dessa criança, e eu já estava pensando em como conseguíramos esse dinheiro. Bom, meia hora depois, recebo o telefonema de uma pessoa querendo doar exatamente esse tipo de leite. Tem vários outros fatos do tipo. Certa vez, imaginei que seria legal incluir sardinha em lata na cesta de alimentos que distribuíramos no final do ano em Paraisópolis. No dia seguinte, duas empresas nos contataram para doar esse produto. Em outra ocasião, eu sonhava em colocar ar-condicionado nas instalações de Paraisópolis para dar mais conforto a funcionários, voluntários e beneficiários, mas não tinha dinheiro para esse investimento. Não demorou e me apareceu a representante de uma grande empresa do setor que doou os equipamentos.

Esses episódios seriam felizes coincidências? Tenho certeza de que não se trata de coincidência. É coisa de um ser superior. Eu sou judia e tenho minha religiosidade. Mas acho que essa força superior está presente em todas as religiões, não importa o nome que se dê a ela. As minhas ideias, a forma como acabo conseguindo colocá-las em prática, não são mero acaso. Elas vêm de um ser superior. Eu sou o "transporte".

Hoje o Voluntariado está presente em 11 unidades, 79 setores, com mais de 670 voluntários e cerca de 400 mil atendimentos/ano. Até onde vai chegar?

Infinito, infinito. Eu acredito na força do nosso Voluntariado e na capacidade desta e das próximas gerações de voluntários para continuar escrevendo novos capítulos dessa história, unindo paixão por servir ao próximo com profissionalismo para fazer pulsar de maneira cada vez mais ampla e intensa nosso propósito de transformar vidas. Cada vez mais vidas.





Um batalhão em várias frentes

Dados de janeiro a setembro de 2025



Distribuição dos voluntários por unidade

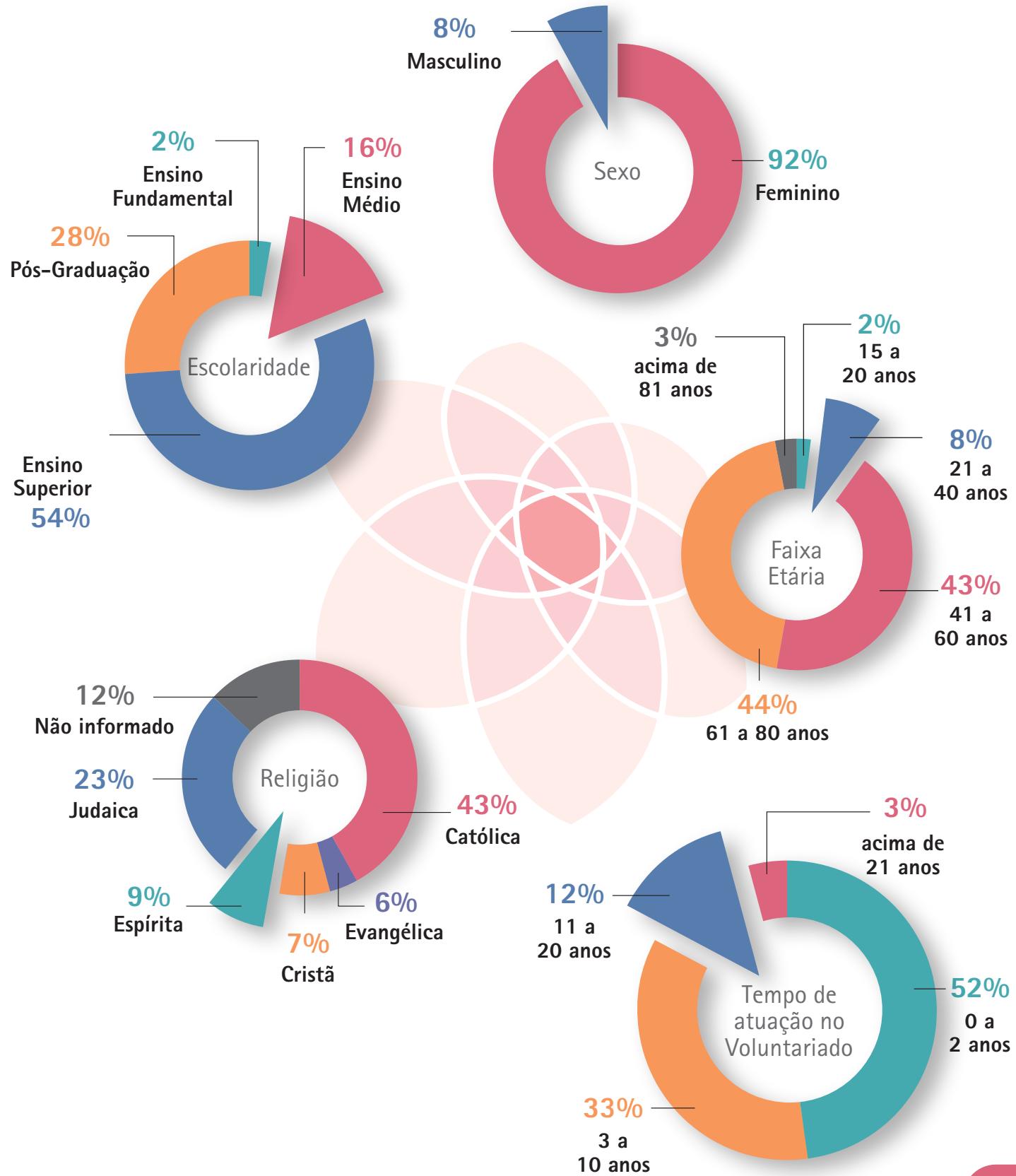
Hospital Israelita (Morumbi)	42%
Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis	21%
Residencial Israelita Albert Einstein	17%
Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch – M'Boi Mirim	8%
Hospital Municipal Vila Santa Catarina	3%
Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia	3%
Hospital Ortopédico do Estado da Bahia	2%
Einstein Goiânia	1%
Unidades Externas do Einstein (Perdizes, Alphaville e Ibirapuera)	3%





Número de setores por unidade

Hospital Israelita (Morumbi)	24
Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis	16
Residencial Israelita Albert Einstein	15
Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch – M'Boi Mirim	10
Hospital Municipal Vila Santa Catarina	4
Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia	3
Hospital Ortopédico do Estado da Bahia	2
Einstein Goiânia	2
Unidades Externas do Einstein (Perdizes, Alphaville e Ibirapuera)	3





Impacto social: você investiria R\$ 1,00 em algo que devolve R\$ 4,80?

Essa é a proporção do retorno que o nosso programa na comunidade de Paraisópolis gera para cada real investido, segundo estudo baseado no protocolo SROI (Social Return On Investment), que atribui valor monetário a impactos sociais.

O Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (PECP), conduzido há 27 anos pelo Voluntariado do Einstein, impacta positivamente os moradores dessa que, segundo o Censo de 2022, é a maior favela de São Paulo e a terceira maior do Brasil. Esse é um fato. Mas como demonstrar objetivamente o valor dos impactos sociais gerados pelos investimentos que fazemos ali em centenas de oficinas e atividades?

A resposta veio por meio de um estudo para calcular o SROI – Social Return On Investment (Retorno Social sobre Investimento), método de avaliação de ações sociais amplamente utilizado no mundo. Conduzido pelo Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social (IDIS) e por pesquisadores do Einstein, o trabalho mostrou que cada R\$ 1,00 investido no PECP gera R\$ 4,80 em benefícios sociais, o que atesta a relevância do nosso programa.

Para chegar ao SROI, um extenso trabalho de levantamento de dados foi realizado. A primeira etapa envolveu entrevistas com os facilitadores dos diferentes programas dos seis Núcleos do PECP (Saúde, Arte e Comunicação, Capacitação Profissional, Serviço Social, Educação e Esportes) para definir os grandes eixos de mudança: acesso à cultura aumentado, habilidades cognitivas ampliadas, habilidades socioemocionais aprimoradas, processo de aprendizagem estimulado, perspectivas de vida ampliadas, direitos básicos garantidos, cidadania estimulada, saúde física e psicológica melhorada.

Pesquisas quali e quantitativas

Em seguida, foram realizadas duas pesquisas: primeiro uma qualitativa (grupos focais com beneficiários), para definir as variáveis a serem avaliadas em cada eixo, e depois uma quantitativa, em que beneficiários responderam a questionários indicando sua percepção sobre o quanto o PECP impactou suas vidas em relação a esses indicadores, quanto atribuíam a outras iniciativas (ONGs, escolas, igrejas etc.) e o tempo de permanência desses impactos em suas vidas. Na quantitativa, 92% dos respondentes relataram ter sentido mudança positiva em pelo menos um indicador coletado.

Como observa a equipe do estudo em seu relatório, "os beneficiários sentem impactos muito relevantes para suas vidas através das ações do PECP, dando notas altas (de valor social) para todos os eixos de mudança". O documento também destaca um diferencial importante do nosso programa: a transversalidade em diferentes Núcleos. As atividades dos Núcleos podem se entrelaçar, gerando reflexos positivos em diferentes eixos de mudança. Por exemplo, o eixo "processo de aprendizagem estimulado" é impactado não apenas pelos Núcleos Educação e Capacitação Profissional, mas também pelos de Esportes e Saúde (psicopedagogia, fonoaudiologia e psicologia). De acordo com o relatório, essa transversalidade permite ao PECP atuar em problemas complexos que se interconectam. Outro aspecto apontado no documento é a percepção positiva dos profissionais e voluntários que atuam no PECP, "sendo elogiados em todas as etapas do processo avaliativo.



Calculando o valor

A última fase do estudo consistiu na valoração econômica das mudanças que o PECP promoveu na vida dos beneficiários. Por meio da análise de mercado e da comparação com custos de serviços equivalentes (o referencial escolhido foram planos de saúde), cada transformação percebida foi traduzida em termos financeiros, chegando-se aos R\$ 4,80 do valor de impacto social gerado para cada R\$ 1,00 investido. "O impacto social do PECP é positivo e relevante, sendo quase cinco vezes maior do que o valor investido", destaca o relatório da equipe do estudo.

Planejamento e credibilidade

São resultados que mostram que estamos no caminho certo e reafirmam nosso programa como uma referência no terceiro setor. Além disso, o estudo é uma ferramenta de gestão, uma vez que os dados permitem identificar quais áreas do PECP geram maior retorno social. Informações desse tipo fazem a diferença na hora do planejamento estratégico das ações, além de garantir que a alocação de recursos seja realizada da forma mais eficiente possível.

Outro aspecto importante é que, ao atestar os resultados e credibilidade do nosso programa a partir de uma metodologia reconhecida internacionalmente, o estudo ajuda a abrir portas para novas parcerias, financiadores e patrocinadores, pois demonstra que os recursos aplicados resultam em transformações concretas e mensuráveis. Ampliar essa rede do bem significa expandir nossas atividades em Paraisópolis e exercitar com amplitude crescente o propósito que nos levou para essa comunidade há 27 anos: transformar vidas, cada vez um número maior de vidas.



A força ESG

Os impactos sociais são a face mais evidente das atividades do Voluntariado. Mas muitas combinam também benefícios ao meio ambiente.

Cada vez mais, empresas e organizações dos mais diversos setores buscam pautar suas atividades pelos princípios de ESG (Environmental, Social and Governance), que diz respeito às boas práticas de governança ambiental, social e corporativa, incluindo compromisso com a ética e transparência. O conceito de ESG é razoavelmente recente – surgiu em 2004. Mas ele faz parte desde sempre do trabalho do Voluntariado Einstein.

Das campanhas de cunho meramente assistencial do final dos anos 50 e início dos 60, os impactos sociais seguiram uma trajetória crescente e transformadora de realidades – a Pediatria Assistencial, o Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis (que hoje registra mais de 6 mil beneficiários por ano em suas atividades culturais, educacionais, de capacitação profissional, saúde, serviço social e esportes), o Residencial Israelita Albert Einstein e as atividades em unidades próprias do Einstein e hospitais públicos gerenciados pela organização.

Nessa jornada, o Voluntariado também foi tecendo o casamento do social com o ambiental, antecipando-se a temas como reciclagem e economia circular, que hoje estão na ordem do dia no contexto da luta contra as mudanças climáticas.

Há mais de duas décadas, por exemplo, o Voluntariado tomou a iniciativa de ir ao Einstein Hospital Israelita para coletar e separar materiais descartados que poderiam ser reciclados, como toners, cartuchos e chapas de raio-x. Depois, o Einstein passou a se encarregar desse processo, destinando para o Voluntariado o dinheiro arrecadado com a venda. São menos impactos ambientais e mais recursos para investir em nossos projetos.

Os mesmos resultados são obtidos com os muitos itens doados que ganham uma segunda vida. Parte das roupas arrecadadas é destinada a hospitais públicos e entregue a pacientes em situação de vulnerabilidade. Mas aquilo que não serve para esse objetivo é vendido no bazar do Voluntariado, que atende exclusivamente funcionários do Einstein. Basicamente, são itens de segunda mão – artigos de vestuário, calçados, móveis, bijuterias, peças de arte e outros objetos em bom estado dos quais pessoas físicas e jurídicas decidiram se desfazer. O bazar reforça o caixa do Voluntariado, beneficia os compradores com preços mais acessíveis do que os de itens novos ou mesmo aqueles oferecidos nos brechós convencionais, e faz bem para o meio ambiente, na medida em que alimenta a economia circular ao prolongar o tempo de uso das peças nas mãos de seus novos proprietários.

Mais recentemente, tivemos outra inovação de cunho socioambiental: uniformes usados de fornecedores do Einstein passaram a ser reaproveitados em oficinas de capacitação profissional em Paraisópolis. Assim, além de reduzir o desperdício, ajudamos a qualificar pessoas e ampliar suas chances no mercado de trabalho.

Materiais eletrônicos, resíduos de construção civil e outros itens que recebemos como doação também ganham uma destinação adequada e mais nobre: em vez do lixo, seguem para reaproveitamento ou reciclagem sempre que possível, ajudando a financiar projetos que transformam vidas: a de seres humanos e a do nosso planeta.

Nossas atividades e os ODS

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) foram lançados em 2015, quando cerca de duas centenas de países membros da Organização das Nações Unidas se comprometeram com metas sociais, econômicas e ambientais a serem atingidas até 2030. Dos 17 ODS, as atividades do Voluntário Einstein estão alinhadas com nove. Confira no quadro.





Parceiros: a soma que multiplica impactos

Assim como aconteceu ao longo de toda a história do Voluntariado, parceiros e apoiadores seguem como importantes aliados para manter e ampliar nossas atividades. Juntos, somos mais fortes para estar ao lado de quem precisa, ajudando a transformar vidas.

Tem um provérbio africano que diz: "se você quer ir rápido, vá sozinho; se quer ir longe, vá acompanhado". É assim, com a companhia de parceiros que se unem a nós nos mais diversos projetos, que há 70 anos o Voluntariado avança em sua caminhada, indo cada vez mais longe para impactar mais vidas. São organizações que caminham ao nosso lado, ofertando ou patrocinando oficinas, cursos e serviços que permitem manter e expandir nossas atividades. Isso além de pessoas físicas e jurídicas que nos ajudam por meio de doações.

Além dos nossos esforços para estabelecer parcerias, nos anos mais recentes passamos a contar com o apoio da Diretoria de Suprimentos para engajar fornecedores do Einstein nas nossas iniciativas sociais. Uma das estratégias é promover visitas de executivos das empresas ao Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis para conhecerem os projetos que desenvolvemos ali e os resultados que têm sido gerados. Para as empresas, apoiar o nosso trabalho é fortalecer suas práticas ESG, aliando-se a iniciativas com comprovado impacto social e indicadores objetivos, como a avaliação SROI (leia na pág. 44).

Em Paraisópolis, também temos parcerias com as graduações do Ensino Einstein nas áreas de Administração, Engenharia Biomédica, Nutrição e Fisioterapia, permitindo que alunos e professores compartilhem seus conhecimentos, impactando positivamente a comunidade, ao mesmo tempo em que se beneficiam com os aprendizados dessa experiência.

Nesta e nas páginas seguintes, trazemos a relação dos parceiros do PECP e do Voluntariado ativos entre janeiro e setembro de 2025. As listas são apenas de nossos parceiros atuais, mas a nossa gratidão se estende a todos que estiveram ao nosso lado nessa jornada de sete décadas. E esperamos que outros se juntem à nossa rede do bem porque, assim como nós, desejam transformar vidas e construir um futuro melhor para todos.

Parceiros do Voluntariado e do PECP

(janeiro a setembro de 2025)

- Abram Topczewski
- Accenture do Brasil
- AD Agência de Viagens e Turismo Ltda.
- Administradora Geral de Estacionamento (Indigo)
- Agile Serviços Técnicos Ltda.
- Arpol Conforto Térmico Ltda.
- As Claras Filmes Ltda.
- Asa Investimentos
- Aspect Mídia – Indústria Eletro-Eletrônica, Comércio e Serviços Ltda.
- Associação dos Médicos do Einstein Hospital Israelita
- Associação dos Portelenses do Município de São Paulo
- Associação Equilibrando Corpo, Mente e Espírito
- Associação Instrutora da Juventude Feminina – Instituto Sedes Sapientiae
- Associação Projete
- Associação X-Coah
- Atalanta Comércio e Representação de Cosméticos Ltda. (Payot)
- Auster Assistência Unificada de Serviços Terapia S/S Ltda.
- Bace Comércio Internacional Ltda. (Hartmann Brasil)
- Banco Daycoval
- Base Engenharia Civil Ltda. ME
- Beba Rio
- Becton Dickinson Indústrias Cirúrgicas Ltda.
- Bendito Ponto Comércio, Serviços e Representações Ltda.
- Beta IK Refeições Rápidas Ltda. (Arabia)
- BioMérieux Brasil Indústria e Comércio de Produtos Laboratoriais Ltda.
- Bold Brasil Prestadora de Serviços Ltda.
- Bonaliment Alimentação
- Bradesco
- Brasanitas Hospitalar – Higienização e Conservação de Ambientes de Saúde Ltda.
- BRS SP Suprimentos Corporativos S.A.
- C Mais Visual Comércio e Prestação de Serviços de Adesivação e Colocação Ltda.





- C.B.S. Médico Científica S.A.
- Cadastra Marketing Digital Ltda.
- Care Plus Medicina Assistencial Ltda.
- Carl Zeiss Vision do Brasil Indústria Óptica Ltda.
- Cata Clínica de Anestesia e Serviços Médicos Ltda.
- CDI Barra Produtos – Importação
- Charles Rothschild
- CI&T
- CIEE | Centro de Integração Empresa-Escola
- Cisabrasile Ltda.
- Condomínio Conjunto Nacional
- Construtora Fonseca & Mercadante
- Convatec Brasil Ltda.
- Credicitrus
- Cushman & Wakefield Consultoria Imobiliária Ltda.
- D11 Brasil Projetos Sociais Ltda.
- Daniel Eduardo de Souza (Click na Favela)
- Daniel Leon Bialski
- Data Innovations Latin America Ltda.
- Dell Computadores do Brasil Ltda.
- Dexcar – Indústria e Comércio Ltda.
- Distribuidora Automotiva S.A.
- Diversey Brasil Indústria Química Ltda.
- Doce Contrastte Serviços de Buffet Ltda.
- Dohler S.A.
- Endo Medical SP – Import. Export. Comercial Ltda.
- Enebras Refrigeração e Ar Condicionado Ltda.
- Energia Consult – Engenharia, Consultoria e Gerenciamento de Projetos Ltda.
- Equipe Administração e Corretagem de Seguros Ltda.
- Estacionamento Urban Park Ltda.
- E-Tamussino e Cia. Ltda.
- Evolutix Gestão de Tecnologia e Comércio Ltda.
- Expresso Master Logística e Transporte Ltda.
- FG – Farma Goiás Distribuidora de Medicamentos Ltda.
- Fujifilm do Brasil Ltda.
- Fundação Arymax
- Fundação Bachiana Filarmônica
- Fundação Oftalmológica Dr. Rubem Cunha (Fundação Novo Olhar)
- GE Healthcare do Brasil Comércio e Serviços para Equipamentos Médico-Hospitalares Ltda.
- Getinge do Brasil Equipamentos Médicos Ltda.
- GPAX Assessoria Empresarial Ltda.
- Gran Coffee Comércio, Locação e Serviços S.A.
- Grifols Brasil Ltda.
- H Strattner e Cia. Ltda.
- Helca Imp. Exp. e Comércio de Material Cirúrgico Ltda.
- HMS Importação e Comércio de Produtos Médicos Ltda.
- Hospfar Indústria e Comércio de Produtos Hospitalares S.A.
- IDVida IoT Ltda.
- Input Tecnologia
- Instituto Golden Tree
- Instituto Sistema Humanos – Estudos e Prática Sistêmica
- Instituto Solidare
- Intermedic Technology Importação e Exportação Ltda.
- Intersystems do Brasil Ltda.
- Iron Mountain do Brasil Ltda.
- Itaú Cultural
- J.G. Moriya Representação, Importadora e Exportadora Comercial Ltda.
- Jane Nguyen Machiaverini
- Jayme Garfinkel
- Jeanete Roizman
- José Emilio Pett
- Leadcomm Comércio Importação
- Leandro Bueno Design de Móveis Ltda.
- Levisky Arquitetos Associados Ltda.
- Mabex Engenharia e Construções
- Mabitec Engenharia Ltda.
- Martinelli Advocacia Empresarial
- Matific do Brasil Apoio Educacional Ltda.
- MCCFA Serviços e Comércio de Roupas e Sapatos Ltda.
- Meca
- Medartis Importação e Exportação Ltda.
- Megavig Serviços de Limpeza e Portaria Ltda.



- Michael Eduardo Lima Guimarães (ParaCine)
- Microblau Automação Ltda.
- Mobius Life Science Indústria e Comércio de Produtos para Laboratórios Ltda.
- Molnlycke Health Care Venda de Produtos Médicos Ltda.
- Multiobras Comércio, Construções e Instalações Ltda.
- N&DC Net Services Informática Ltda.
- Neotelecom Telecomunicações Ltda.
- Netter Assistência Técnica Ltda.
- Nora Refeições Coletivas Ltda.
- ONG Instruir para Sorrir
- Oplus LED Brasil Indústria e Comércio de Componentes Eletrônicos Ltda.
- Organização Farmacêutica Formularium Ltda.
- Pamaris Papelaria e Livraria Ltda.
- Pedro Jack Powidzer
- Pellegrino Distribuidora de Autopeças Ltda.
- Perkins&Will
- Petroquigel Química S.A.
- Pfizer Brasil Ltda.
- Phadia Diagnósticos Ltda.
- Physiomed Importação e Comércio Ltda.
- Plasp Comércio de Embalagens Plásticas Ltda.
- Poiato Recicla Ltda.
- Predtec Tecnologia Predial Ltda.
- Projeto Travessia
- Promedon do Brasil Produtos Médico-Hospitalares Ltda.
- Qiagen Biotecnologia Brasil Ltda.
- Queiroz Domeniconi Equipamentos Ltda.
- Quest Diagnostics do Brasil Ltda.
- Quinelato
- Racional
- Rema do Brasil Eireli EPP
- Renato de Luizi Jr. e Cristina de Luizi
- Renovation
- Resolv Facilities Serviços de Limpeza Ltda.
- Rosely Goldenberg Brakte
- RTR Transportes e Eventos Ltda.
- Ruma Adm.
- Salvapé Produtos Ortopédicos Ltda.
- Sanofi Medley Farmacêutica Ltda.
- Santander
- Sarstedt Ltda.
- Savoy
- Schneider Electric Brasil Ltda.
- Schobell Industrial Ltda.
- Selbetti Tecnologia S.A.

- Sensco Climatização Ltda.
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) - Francisco Matarazzo
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) - Unidade Aclimação
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) - Unidade Largo Treze
- Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) - Unidade Taboão da Serra
- Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Escola Senai - Santo Amaro)
- Shift Mobilidade
- Siemens Healthcare Diagnósticos Ltda.
- Skintec Comercial Importadora e Exportadora Ltda.
- SMI Construtora Ltda.
- Sotreq S.A.
- Spread Sistemas e Automação Ltda.
- Spread Teleinformática Ltda.
- Springer Carrier Ltda.
- SS Super Lanche Comércio e Indústria de Gêneros Comestíveis Ltda.
- Starmobile Design Indústria de Móveis Ltda.
- Sterifarma Produtos Cirúrgicos Ltda.
- SulAmérica
- Sure Logística Ltda.
- T.T.S. Tecno Trolley System do Brasil Ltda.
- Teleinfo Comércio e Serviços
- The Binding Site Brasil Comércio de Produtos para Laboratório Ltda.
- Top Service Serviços e Sistemas S.A. (GPS)
- Trans Tour Enviar & Receber Ltda.
- Ture Informática
- Unidock's Assessoria e Logística de Materiais Ltda.
- VC Consultoria e Licenciamento em Tecnologia Ltda.
- Veirano Advogados
- Viena Delish
- Visuart Comércio e Serviços Ltda.
- Werfen Medical Ltda.
- Westcon Instrumentação Industrial Ltda.
- Wilson Trevisan – EPP



Investimentos que fazem a diferença

O Voluntariado se desdobra em iniciativas para captar os recursos que financiam as nossas ações sociais – campanhas, eventos, venda de livros, cartões comemorativos, entre outras –, além da colaboração de doadores. Confira onde aplicamos esses recursos em 2025 (dados de janeiro a setembro).

Programa Einstein na Comunidade Paraisópolis

- Cursos profissionalizantes
- Oficinas de convivência e trabalhos manuais
- Oficinas dos Núcleos de Esportes e de Arte e Comunicação
- Cestas básicas do Núcleo Serviço Social para famílias em extrema vulnerabilidade
- Cestas básicas para as famílias dos alunos do Ensino Médio Integrado ao Técnico
- Patrocínio de materiais para os setores de atuação do Voluntariado
- Doação de brinquedos e ações diversas em datas festivas
- Patrocínio de eventos em datas comemorativas
- Avaliação de impacto social



Hospital Municipal Dr. Moysés Deutsch – M'Boi Mirim

- Doação de kits de higiene e kits de pintura para pacientes internados
- Doação de cestas básicas para o Programa Melhor em Casa
- Doação de óculos 3D para o Projeto Cuidados Paliativos
- Apresentações musicais para pacientes internados
- Patrocínio de reforma e pintura para o setor de Saúde Mental
- Patrocínio de máscaras tapa-olhos para pacientes de Cuidados Paliativos
- Patrocínio de poltronas e sofá para o Laboratório
- Doação de roupas e chinelo para pacientes vulneráveis
- Curso de capacitação para voluntários
- Entrega de presentes para pacientes em datas festivas
- Patrocínio de materiais para os setores de atuação do Voluntariado
- Patrocínio de TV para a UTI
- Reforma da Brinquedoteca (Sala Games, Espaço Leitura e Jogos)



Total Investido:
R\$ 558.746,49



Residencial Israelita Albert Einstein

- Patrocínio de prestação de serviços terapêuticos para os residentes
- Apresentação musical para os residentes
- Patrocínio de materiais para os setores de atuação do Voluntariado
- Patrocínio de almoços e jantares com objetivo de entretenimento e socialização dos residentes
- Patrocínio de jantares em datas festivas e doces semanais
- Entrega de presentes para residentes em datas festivas
- Patrocínio de aulas de tricô para os residentes



Total Investido:
R\$ 342.075,04



Assistência Médica Ambulatorial de Especialidades (AMA-E)/Paraisópolis

- Doação de óculos, armações e lentes



Total Investido:
R\$ 121.579,55

Hospital Municipal de Aparecida de Goiânia (HMAP)

Total Investido:
R\$ 92.287,70

- Doação de kits de higiene e kits de pintura para pacientes internados
- Doação de roupas e chinelo para pacientes vulneráveis
- Entrega de presentes para pacientes em datas festivas
- Patrocínio de materiais para os setores de atuação do Voluntariado

Hospital Municipal Vila Santa Catarina

- Patrocínio de materiais para os setores de atuação do Voluntariado
- Doação de kits de higiene e kits de pintura para pacientes internados
- Entrega de presentes para pacientes em datas festivas
- Doação de roupas e chinelo para pacientes vulneráveis

Total Investido:
R\$ 54.134,76



Total Investido:
R\$ 77.140,00

Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)

- Doação de cestas básicas
- Entrega de presentes em datas festivas

Total Investido:
R\$ 20.470,00

Sistema de Residências Terapêuticas (SRT)

- Doação de cestas básicas mensais
- Aparelhamento das cozinhas
- Patrocínio de jantares em datas festivas
- Doação de cestas de Natal

Total Investido:
R\$ 17.648,19

Unidade de Pronto Atendimento (UPA) Campo Limpo

- Mobiliário para a Farmácia Satélite

Total Investido:
R\$ 5.310,00

Programa de Atenção ao Idoso (PAI) Campo Limpo

- Doação de cestas básicas



Total Investido:
R\$ 4.891,24

Creche Perobearas

- Doação de brinquedos e presentes em datas festivas
- Patrocínio de festas em datas comemorativas

Total de investimentos até setembro de 2025:
R\$ 2.959.433,09

**“Ser voluntário é
um privilégio!
É ter o prazer de
trabalhar com aquilo
de que gostamos.”**

Telma Sobolh



Doações: a sua ajuda é valiosa!

Veja as muitas formas de colaborar com o Voluntariado Einstein

Além das opções ao lado, você pode doar para o Voluntariado Einstein usando este QR Code.




Voluntariado


EINSTEIN
Hospital Israelita



♥ Doações mensais

A partir de R\$ 18,00 por mês com boleto bancário, ou doações pontuais por PIX ou depósito bancário.

♥ Bazar

Doação de roupas, calçados, eletrônicos, eletrodomésticos, móveis, livros e objetos em geral. Também podemos ceder caixas para colocar na sua empresa e arrecadar produtos com os seus colaboradores. Depois, nós fazemos a retirada.

♥ Eventos

Patrocínios em shows e eventos benéficos.

♥ Recicláveis

Doação de toners usados, cartuchos vazios de impressoras, computadores e eletrônicos em bom estado.

♥ Nota Fiscal Paulista

Acesse o nosso site (voluntarios.einstein.br), entre na aba "Doar" e confira o passo a passo de como fazer a sua doação.

♥ Enxovals de bebês

Kits de roupas e produtos para recém-nascidos de famílias em situação de vulnerabilidade a partir de R\$ 250,00 (média de 800 partos por mês).

♥ Doação de cestas de alimentos

Distribuição de cestas básicas mensais para famílias em situação de risco e vulnerabilidade. Custo de R\$ 120,00 a unidade.

♥ Kits Brincar

Distribuição de livros de colorir e lápis de cor para as crianças de 3 a 6 anos internadas nos hospitais públicos que atendemos (média de 30 crianças). Custo por kit R\$ 22,00.

♥ Patrocínios de oficinas do PECP

Contratação de jovens aprendizes através do nosso Banco de Currículos.

♥ Cartões festivos

Em datas comemorativas, são vendidos produtos e cartões para celebração do Natal, Rosh Hashaná, entre outras datas.

♥ Carta-Presente

Carta personalizada em nome do homenageado, a partir de R\$ 150,00.

📞 11 2151 3580 ☎ 11 97126 6510



@voluntarioseinstein